



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA

Nuno Miguel Rocha de Sousa

A Companhia de Jesus e a formação do Clero Japonês

Dissertação Final
Sob orientação de:
Professora Doutora Rita Mendonça Leite

Lisboa 2023

Índice

Resumo.....	6
Introdução.....	10

Capítulo 1 Formação do clero japonês na Companhia de Jesus em Macau e Japão

1. O Recrutamento	15
2. Os Seminários.....	18
2.1 Seminários de Crianças.....	18
O recrutamento de crianças.....	18
A educação nos Seminários de crianças.....	19
A estrutura interna dos Seminários para crianças.....	19
1)A governação: Superior, Irmão primeiro, Irmão segundo ou dojuku.....	19
2)Casa do Seminário.....	20
3)As roupas.....	21
4)Refeitório.....	21
5)A Dormida.....	22
6)Higiene.....	22
7)Os professores do Seminário.....	22
8)O método de ensino.....	22
9)Horário Geral.....	23
10)Horário detalhado.....	24
2.2 Seminários de Adultos.....	25
O recrutamento de adultos.....	25
3. São Paulo (Macau) e a importância do Clero japonês para a sua construção.....	26
Papel da Fachada da Igreja de São Paulo para a conversão de chineses e japoneses.....	27
4. Estrutura da Companhia de Jesus no Japão.....	30

Capítulo 2 A Pregação e a Divulgação da Mensagem

1. Irmãos Pregadores e Dojucus pregadores japoneses.....	32
1) Fase pré Pero Gómez.....	33
2) Fase pós Pero Gómez.....	34
2.O caso do pergaminho de Paulo, utilizado nas prédicas itinerantes pelos irmãos japoneses.....	38

3.O caderno dos predicadores japoneses na Biblioteca Apostolica Vaticana.....	41
4.Padres Japoneses.....	48
As condições para o acesso ao sacerdócio dos Irmãos japoneses.....	48
As enformações.....	50
5.A imprensa.....	51
1)Finalidade da embaixada.....	51
2)Os membros da embaixada e a imprensa.....	52
3) A aprendizagem da tecnologia da impressa.....	56
 Capítulo3 Oposição dos jesuítas europeus à criação de um clero japonês.....	58
1. Mentalidade de Guerra.....	59
2. Sexualidade.....	60
3. Falta de Motivação.....	62
4. Ambição.....	65
5. Razões a favor da admissão de japoneses no sacerdócio.....	66
6. A Ordenação de Japoneses	67
 Capítulo 4 Rivalidades entre os missionários europeus e os japoneses	
1. O caso do conflito André Pessoa.....	71
2. A chegada dos japoneses a Macau após a expulsão dos religiosos do Japão.....	75
3. A Embaixada Mártir.....	76
4. A sobrevivência do clero japonês em Macau e a sua diáspora para o Sudeste Asiático	78
 Conclusão.....	81
 Bibliografia.....	87

Índice de Figuras

Fig. 1 Imagem da Virgem Maria com o menino Jesus ao colo. Ilustração que servia para ser mostrada aos neófitos

Fig. 2 Imagens da vida de Cristo, desde a Anunciação até à Ressurreição. Estas imagens são acompanhadas por explicações em japonês.

Fig. 3 Abertura do livro com o cabeçalho escrito em língua portuguesa e o corpo do texto inteiramente em japonês

Fig. 4 Desenho de Jesus Cristo como Salvator Mundi, realizado por um dos pintores japoneses que estudaram na Escola de Pintura jesuíta no Japão, na abertura do livro.

Fig. 5 Desenho da crucificação de Jesus Cristo abrindo a secção *As sextas feiras da Coresma em Japão: explicados os seus Evangelhos*.

Fig. 6 Desenho de Jacob terminando uma das secções.

Fig. 7 Desenho de Virgem Maria ilustrando a secção *Alguns milagres da virgem nossa Senhora e Rainha dos Anjos*.

Fig. 8 Desenho de São Pedro, ilustrando a secção *Vidas gloriosas de alguns Sanctos e Sanctas*.

Índice de Tabelas

Tabela 1 Itinerário da embaixada

Tabela 2 Japoneses ordenados dentro da Companhia de Jesus

Resumo

Versão Portuguesa

O presente trabalho pretende esclarecer a implementação do *modus acomodatio* no Japão através da análise da formação do clero japonês na Companhia de Jesus. Pretendemos neste campo, esclarecer a estrutura da Companhia de Jesus no Japão e a presença dos Irmãos Pregadores e *Dojucus* Pregadores japoneses; a organização dos Seminários de Arima, Quioto e Nagasáqui (os principais centros de evangelização); a importância do Colégio de São Paulo na formação do clero japonês. Articuladas com esta temática sobressaem os jesuítas Alessandro Valignano e Pero Gómez e o Bispo do Japão Luís Cerqueira, cujos projetos evangélicos na construção de um clero nativo serão estudados em profundidade. Seguidamente, através das cartas privadas de vários elementos da Companhia de Jesus no Japão, analisaremos a argumentação quer a favor, quer em oposição à criação de um clero nativo. Neste ponto, enfatizaremos o relatório produzido pelo jesuíta Mateus de Couros, o qual debate a Educação, a Sexualidade e a ambição dos japoneses dentro da Companhia de Jesus. Para finalizar, procuraremos esclarecer se existiam rivalidades entre os missionários europeus e japoneses e de que forma elas se manifestariam dentro e fora da Companhia de Jesus.

Versão Inglesa

The present research endeavor seeks to provide comprehensive insights into the implementation of the "modus acomodatio" doctrine within the context of Japan. This will be accomplished through a meticulous examination of the formation of the Japanese clergy within the Society of Jesus. Within this academic pursuit, our primary objectives include elucidating the organizational structure of the Society of Jesus in Japan, assessing the presence and contributions of Japanese Dojuku preachers, scrutinizing the operational dynamics of the Seminaries located in Arima, Kyoto, and Nagasaki (recognized as the pivotal hubs for evangelization), and assessing the pivotal role played by St. Paul's College in shaping the Japanese clergy. In conjunction with this central theme, our study will place special emphasis on the pivotal roles played by notable figures such as the Jesuit Alessandro Valignano and the Bishop of Japan, Luís Cerqueira. Their respective evangelical initiatives aimed at fostering the development of a native clergy will be

subjected to an in-depth examination. Furthermore, this inquiry will delve into the discourse surrounding the establishment of a native clergy by analyzing private correspondence among various members of the Society of Jesus in Japan. The objective is to provide a balanced assessment of arguments both in favor of and opposed to the creation of such a clergy. Notably, this analysis will include a comprehensive review of the report authored by the Jesuit Mateus de Couros, which delves into themes encompassing Education, Sexuality, and the aspirations of the Japanese individuals within the confines of the Society of Jesus.

In conclusion, this study will culminate in an exploration of potential rivalries that may have emerged between European and Japanese missionaries. The manner in which these rivalries manifested both within and beyond the purview of the Society of Jesus will be thoroughly examined, shedding light on the intricate dynamics of this historical period.

Palavras Chave

cartas privadas - private letters

clero nativo - native clergy

Companhia de Jesus - Society of Jesus

Dom Luís Cerqueira – Bishop Luís Cerqueira

missionários europeus e japoneses - European and Japanese missionaries

Abreviaturas

ANTT Arquivo Nacional, Torre do Tombo, Lisboa

ARSI Archivum Romanum Societatis Iesu, Roma

BA Biblioteca da Ajuda, Lisboa

BNL Biblioteca Nacional, Lisboa

BNM Biblioteca Nacional, Madrid

RAH Real Academia de la Historia, Madrid

Introdução

I

A missão japonesa seria um espaço religioso marcado por rivalidades entre os padres da Companhia de Jesus de nacionalidades portuguesa, espanhola e italiana e, paralelamente, entre os eclesiásticos europeus e japoneses. A presente investigação pretende explorar e enquadrar esta relação de conflito e a política de assimilação denominada *modus acomodatio*, introduzida pelo Visitador Alessandro Valignano no Japão.

O *modus acomodatio* jesuítico no Japão durante os séculos XVI e XVII seria amplamente criticado por franciscanos, dominicanos e agostinianos, com métodos de propagação da fé católica mais conservadores e de raízes medievais. As suas acusações na Europa, através dos seus representantes na corte filipinas e na Sé Romana, criariam uma imagem da Companhia de Jesus equivocada, a qual perdura até aos nossos dias. Para combater muitos destes rumores infundados, os jesuítas ver-se-iam obrigados a defender a Companhia escrevendo e publicando duas importantes «Apologias», as quais foram recentemente estudadas e publicadas, nomeadamente por Alessandro Valignano e Valentim de Carvalho.¹

Através destas apologias, surgem-nos as principais interrogações que desencadeiam o presente estudo, as quais se prendem com a formação do clero nativo e as relações de lealdade entre os jesuítas e as respetivas nações de origem. Como seria a formação do clero nativo? Será que as relações de lealdade às nações de origem eram mais fortes do que os votos de lealdade à Companhia de Jesus? Seria o modelo de coexistência religiosa e cultural - *modus acomodatio* - dentro da Companhia de Jesus aplicado com sucesso, anulando rivalidades nacionais? Haveria abertura dos jesuítas europeus à criação de um clero japonês? O que aconteceria ao clero japonês formado pela Companhia de Jesus no Japão após a expulsão de 1614?

Para responder a estas questões, o presente estudo pretende analisar a implementação do *modus acomodatio* no Japão e a formação do clero japonês na Companhia de Jesus, assim como esclarecer a estrutura da Companhia de Jesus no Japão (Irmãos Pregadores e *Dojucus* Pregadores japoneses); a organização dos Seminários de

¹ Alessandro Valignano, S.J., *Apologia de la Compañia de Jesus de Japon y China*, ed. José Álvarez-Taladriz (Osaka: Eikodo, 1998) e Valentim de Carvalho, *Apologia do Japão* (Lisboa: CCCM, 2007).

Arima, Quioto e Nagasáqui (os principais centros de evangelização); e a formação teológica japonesa no Colégio de São Paulo. Seguidamente, pretendemos articular as estratégias da Missão japonesa desenhadas pelo jesuíta italiano Alessandro Valignano e pelo Bispo do Japão Luís Cerqueira, particularmente os projetos evangélicos para a construção de um clero nativo e contrastá-las com a argumentação quer a favor, quer em oposição por parte do *corpus* europeu da Companhia de Jesus. Neste ponto, enfatizaremos o relatório produzido pelo jesuíta Mateus de Couros, o qual debate a mentalidade de guerra, a sexualidade, falta de motivação e a ambição dos japoneses dentro da Companhia de Jesus. Ulteriormente, procuraremos esclarecer se existiam rivalidades entre os missionários europeus e japoneses e de que forma elas se manifestariam dentro e fora da Companhia de Jesus. Para concluir, investigaremos o que aconteceu aos missionários japoneses após a sua expulsão do Japão, em 1614.

No âmbito das fontes documentais consultadas para a presente investigação, além da bibliografia geral, foram realizadas extensivas consultas em Roma e em Lisboa, predominantemente no *Archivum Romanum Societatis Iesu* e na Biblioteca da Ajuda. Estes repositórios documentais preservam importantes núcleos de correspondência entre os diversos membros da Companhia de Jesus durante os séculos XVI e XVII, oferecendo-nos uma visão extraordinária da missão japonesa durante a segunda e primeira metade dos séculos XVI e XVII. Além destes arquivos, também visitámos o AHM (Arquivo Histórico de Macau), o AHU FUP (Arquivo Histórico Ultramarino, Filmoteca Ultramarina Portuguesa), o ANTT (Arquivo Nacional, Torre do Tombo), a BNL (Biblioteca Nacional, Lisboa), a BNM (Biblioteca Nacional, Madrid) e a RAH (Real Academia de la Historia).

II

Relativamente à relevância científica e a originalidade, este projeto nasce da vontade de repensar a História da Companhia de Jesus no Japão numa perspetiva mais ampla e global, evitando uma abordagem euro-centrista.

Sobre o presente tema, Charles Boxer é efetivamente o primeiro historiador a escrever pormenorizadamente sobre a presença portuguesa no Japão.² O seu estudo *The Christian Century* ainda serve de base para os estudos realizados sobre o Cristianismo

² Charles Boxer, «Plata Es Sangre: Sidelights on the Drain of Spanish-American Silver in the Far East, 1550-1700», *Philippine Studies* vol. 18, no. 3 (1970): 457-478; Charles Boxer, «Portuguese and Spanish Rivalry in the Far East during the 17th century», *The Journal of the Royal Asiatic Society*, II (1946): 154-164; III (1947): 91-105; Charles Boxer, «A Note on the Triangular Trade between Macao, Manila and Nagasaki, 1580-1640», *Terrae Incognitae*, XVII (1985): 51-59.

naquela geografia.³ Boxer também produziria o *Great Ship of Amacon* onde apresenta de forma sucinta o arco cronológico de aproximadamente um século do que foram as relações religiosas e económicas entre os Portugueses e Japão.⁴ Se o primeiro estudo (*The Christian Century*) fundaria uma teoria de que o Cristianismo teria um papel preponderante no isolamento do Japão durante a governação Tokugawa, o segundo trabalho contribuiria para uma visão das relações económicas luso-japonesas nos séculos XVI e XVII. Universalmente aceite pelos ciclos académicos internacionais, a visão religiosa de Boxer começa a ser posta em causa por Ronald Toby em *State and Diplomacy in Early Modern Japan*,⁵ o qual propõe um revisionismo desta teoria. Já no campo económico, a visão de Boxer é igualmente posta em causa pelos trabalhos de Mihoko Oka que explora em detalhe as interações religiosas e económicas da Companhia de Jesus acentuando o importante papel dos religiosos como mediadores económicos em *The Namban Trade: Merchants and Missionaries in 16th and 17th Century Japan*.⁶

Outro dos trabalhos incontornáveis sobre este tema é o estudo de George Elisonas [Jurgis Elisonas], *Deus Destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan*,⁷ autor que analisa a estrutura religiosa de recrutamento e educação dos nativos japoneses, identificando os problemas da aceitação do Cristianismo no Japão, assim como as formas de rejeição de Cristianismo, apresentando traduções e análises das obras como *Ha Daitsu* (Deus Destruído) da autoria do ex-missionário jesuíta japonês Fabião Fucan, ou *Kengiroku* (Mentira Exposta) da autoria do ex-missionário português Cristovão Ferreira.

Tendo como bases estes trabalhos pretendemos analisar a empresa jesuítica de evangelização do Japão evitando uma visão eurocêntrica e destacando o clero nativo japonês. Sobre esta facto importante da composição humana da Companhia de Jesus, pouco é conhecido, em parte porque a missão japonesa é articulada academicamente através de individualidades europeias. A nossa proposta, segue então no sentido inverso, ou seja, e se analisássemos a missão japonesa através do clero nativo? O que poderíamos encontrar? Será que o *modus acomodatio* aprovado e implementado pelos jesuítas no Japão, teve êxito ou, pelo contrário, de acordo com o ponto de vista do clero nativo

³ Charles Ralph Boxer, *The Christian Century in Japan, 1549-1650* (Berkeley: University of California Press, 1951).

⁴ Charles Ralph Boxer, *The Great Ship from Amacon: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640* (Lisbon: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1959).

⁵ Ronald Toby, *State and Diplomacy in Early Modern Japan* (Stanford: Stanford University Press, 1991).

⁶ Mihoko Oka, *The Namban Trade: Merchants and Missionaries in 16th and 17th Century Japan* (Leiden and Boston: Brill, 2021)

⁷ George Elisonas [Jurgis Elisonas], *Deus Destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan* (Cambridge, Mass., 1973)

japonês, falharia, culminando na grande tragédia dos martírios e apostasias da primeira metade do século XVII? E o que aconteceu aos missionários japoneses que, recusando renunciar ao cristianismo, não podiam viver no Japão, viajariam para Macau? Seria Macau o destino final, ou estes membros teriam outros papéis importantes na fundação de comunidades católicas em outras regiões asiáticas? Estas são as principais questões que pretendemos discutir e, se possível, responder, as quais não foram resolvidas na bibliografia mencionada.

No tocante à organização estrutural da presente dissertação, é imperativo explicar que a mesma se encontra segmentada em quatro partes principais. O primeiro capítulo analisará o projeto de formação do clero japonês e como este seria implementado materialmente no Japão através de Seminários. Com o intuito de proporcionar uma abordagem mais pormenorizada sobre essa temática, este primeiro capítulo é subdividido em duas vertentes distintas, a saber, a formação de indivíduos japoneses que são admitidos nos Seminários durante a infância e a formação daqueles que optam por entrar nos Seminários já em idade adulta. Adicionalmente, para encerrar este capítulo inaugural, dedicaremos particular atenção ao Colégio de São Paulo, em Macau, o qual desempenhou um papel de relevo ao acolher e instruir o clero japonês.

Posteriormente, procedemos ao segundo capítulo, o qual é devotado à análise dos diversos métodos de evangelização empregados no Japão durante o período em questão. Esta seção é subdividida em dois tópicos distintos: o primeiro versa sobre o sistema de evangelização jesuíta pré-Pero Gómez e o segundo, sobre o sistema de evangelização jesuíta introduzido sob a égide de Pero Gómez. Após esta análise, a dissertação focalizará o processo de disseminação do cristianismo no Japão associado à introdução da tecnologia de impressão europeia nas localidades de Nagasáqui e Amakusa.

A dissertação prosseguirá com um terceiro capítulo dedicado às discordâncias que surgiram entre os religiosos europeus e seus homólogos japoneses. Nesse contexto, faremos um exame minucioso da documentação jesuítica produzida no Japão, uma vez que a referida documentação reflete os argumentos pró e contra a criação de um clero nativo.

Por fim, a dissertação segue para o quarto capítulo, onde empreenderemos uma análise das rivalidades e conflitos entre os religiosos europeus e japoneses na época da expulsão das ordens religiosas do Japão (1610-1614). Adicionalmente, este capítulo abordará ainda a diáspora dos eclesiásticos japoneses pelo Sudeste Asiático após o exílio, explorando as consequências e implicações dessa migração no âmbito religioso e cultural.

Capítulo 1 - Formação do clero japonês na Companhia de Jesus, em Macau e Japão

1. O Recrutamento

A chegada dos jesuítas ao Japão apresentou inúmeros desafios a esta Ordem, nomeadamente a aprendizagem da língua e da cultura, tão diferentes da Europa, ou a conjuntura política, caracterizada por instabilidade e por constantes campanhas militares entre daimios japoneses pelo controlo do poder. Para conseguirem evangelizar todo o arquipélago, o número de missionários era claramente insuficiente. Todas estas razões conjugadas, impulsionariam os jesuítas estabelecidos no Japão a adotarem uma estratégia que, de alguma forma, pudesse contribuir para solucionar o problema da conversão ao cristianismo, do amplo arquipélago japonês. É com esta intenção que são realizadas no Japão as chamadas *Consultas* - reuniões que envolviam os membros mais proeminentes da Companhia de Jesus - para implementar as linhas fundamentais a serem adotadas internamente pela Ordem.

É na *Consulta* do ano de 1581, realizada inicialmente em Bungo, que os jesuítas desenvolvem o projeto de recrutamento e formação de japoneses para a missão cristã. Esta primeira *Consulta* contava apenas com a presença de nove padres, dos vinte e sete padres europeus que então viviam no Japão. Após a *Consulta* ter sido realizada, as resoluções de Bungo seriam enviadas para as missões jesuítas em Meaco (então centro político japonês) e para Shimo, onde os restantes religiosos puderam votar as resoluções. Relativamente aos missionários europeus, eram eles Francisco Cabral, Gaspar Coelho, Luís Fróis, Organtino Gnechi-Soldo, Lourenço Mexia, Pero Ramon, Juan Batista del Monte, Gonçalo Rebelo, Antonino Laguna, Gregório de Cespedes, Joseph Furlaneti, Francesco Carrión, Belchior de Mora, Luís de Almeida, António Lopez, Julio Piani, Alonso Gonzalez, Balthazar Lopez Maior, Balthazar Lopez Menor, Miguel Vaz, Ayres Sanchez, Afonso de Lucena, Sebastião Gonçalves, Cristóvão de Leão e Diogo de Mesquita,⁸ Melchior de Figueiredo, Francisco Laguna.⁹ Vejamos seguidamente as posições que ocupavam na missão japonesa: o padre Francisco Cabral era, à data, o Superior do Japão, sendo o padre Gaspar Coelho, o vice-provincial, o padre Luís Fróis era o companheiro do vice-provincial, o padre Organtino Gnechi-Soldo era o Superior

⁸ ARSI, Jap Sin II, fl. 3v.

⁹ Estes dois encontram-se mencionados noutra lista: ARSI, Jap Sin II, fls.42-42v.

da região de Meaco, o padre Lourenço Mexia era o companheiro do Superior do Japão, o padre Pero Ramon era reitor e professor da casa de Bungo, o padre Belchior de Mora era reitor do Seminário e casa de Arima, o padre Luís de Almeida era Superior da casa e residência jesuíta em Amakusa, o padre António Lope era o Superior da casa de Nagasáqui, o padre Afonso de Lucena era superior da casa jesuíta de Omura, o padre Baltazar Lopez Maior era o Superior da casa de Hirado e o padre Melchior de Figueiredo era o reitor do Colégio de Funai. Os restantes padres europeus ocupavam posições secundárias na hierarquia da Companhia de Jesus no Japão.

Para que o recrutamento dos nativos fosse possível, o primeiro grande dilema era como criar e estruturar uma plataforma de formação religiosa dentro da Companhia de Jesus no Japão. É na sequência desta necessidade que os missionários europeus desenvolvem o projeto de edificação de Seminários para a criação de um clero japonês competente que pudesse auxiliar e, finalmente, substituir os próprios missionários europeus no Japão. Contudo, erigir estes Seminários, levantava problemas de várias ordens, por exemplo, a localização, composição etária e matérias de estudo.

Relativamente ao primeiro ponto, a localização, os missionários concordavam que os Seminários deveriam ser edificados em regiões politicamente estáveis, algo difícil de prever, pois o Japão encontrava-se em plena guerra civil que culminaria na reunificação do arquipélago levada a cabo por Toyotomi Hideyoshi (1537-1598) no final do século XVI. O segundo ponto de debate era se estes Seminários deveriam ser compostos por crianças e adultos misturados, ou se deveriam ser criados Seminários para crianças e outros para adultos. Nesta alínea, convinha também considerar o problema económico, ou seja, a formação religiosa em Seminário a partir de criança até à idade adulta, pois tal formação era mais dispendiosa do que se fosse iniciada já na idade adulta.

O terceiro ponto consistia em apreciar qual o tipo de disciplinas a serem ministradas aos futuros sacerdotes.

Finalmente, os jesuítas optam por edificar dois tipos de Seminários: 1) Seminários direcionados exclusivamente para crianças com idade até os 17 anos; 2) Seminários direcionados exclusivamente para adultos, abrangendo indivíduos na faixa etária dos 17 ou 18 anos.

De acordo com o jesuíta Alessandro Valignano: «Neste ponto, todos concordariam que se recebessem pequenos & grandes [...] A terceira opinião foi que se fizessem diverços Seminários, & huns dos quaes vivecem os grandes & en outros vivecem os pequenos porque os grandes desde agora nos poderão ajudar, & os pequenos

entretanto yrião cressendo com letras & como dos grandes se achão poucos e muitos dos pequenos mais se ade fazer cabedal dos pequenos que dos grandez».¹⁰

¹⁰ ARSI, Jap Sin II, fls. 9-9v.

2. Os Seminários

2.1 Seminários de Crianças

O recrutamento de crianças

As crianças recrutadas para os Seminários eram provenientes de diferentes extratos familiares, e diferentes opções políticas e religiosas, como seguidamente explicitarei. Em primeiro lugar, muitas das crianças recolhidas eram ou abandonadas ou órfãos. Eram os próprios padres quem se encarregava de as trazer. Outras crianças eram entregues ao Seminário pelos progenitores. É importante fazer uma distinção entre progenitores pobres e progenitores ricos. Os progenitores pobres entregavam os filhos para serem educados no cristianismo, ambicionando que estes, em idade adulta, pudessem usufruir de melhores condições económicas. Os progenitores ricos, geralmente comerciantes e nobres, pretendiam que os filhos ascendessem na hierarquia religiosa. O tratamento de ambos dentro da Companhia de Jesus era diferenciado. Existia também uma distinção religiosa: a maioria das crianças que entrava na Companhia de Jesus era proveniente de unidades familiares cristãs, as quais estavam impedidas de praticar o costume japonês do infanticídio, o qual era socialmente aceite e comumente praticado pelas unidades familiares japonesas não-cristãs. Como instrumentos para auxiliarem os missionários jesuítas nos ministérios da pregação evangélica, as crianças obedeciam a um sistema de educação rígido. Mais tarde, a partir das resoluções da *Consulta* do ano de 1581, foi decidido que os Seminários para crianças, além de albergarem jovens destinados ao serviço religioso, passariam também a ser frequentados por crianças laicas, as quais, apesar de receberem uma educação religiosa cristã, poderiam regressar às suas unidades familiares e ingressar na sociedade. A distinção física entre as duas, seguia o modelo budista, ou seja, as crianças destinadas a uma vida religiosa eram denominadas «meninos rapados», por ostentarem os seus crânios sem cabelo (símbolo de vida religiosa); e as crianças destinadas a uma vida laica, denominadas «meninos de cabelo», usavam o cabelo comprido, seguindo os costumes japoneses.¹¹

No regimento para o recrutamento de crianças pedia-se aos Superiores dos Seminários - pelo menos no início da formação dos mesmos - que aceitassem predominantemente crianças de origem nobre, para que pudessem partilhar o mesmo espaço com os Tonos.¹² Os Superiores deviam ter em conta que seminaristas de origem nobre eram importantes pois conferiam uma boa reputação à instituição. Inicialmente, os

¹¹ ARSI, Jap Sin.2, *Consulta*, fls.9v.-10.

¹² Senhores feudais que governavam as povoações.

seminaristas oriundos destas famílias, deviam ter a intenção de permanecer na igreja e de se tornarem religiosos (meninos rapados). Era permitido ao Superior aceitar excecionalmente alguma criança laica (menino de cabelo). Quem tinha o poder de decisão suprema sobre a aceitação ou expulsão dos estudantes do Seminário, era o Superior do Japão, depois o Superior da região do Ximo e, na sua ausência, o Superior da região de Bungo e da região de Miaco (Quioto).¹³

A educação nos Seminários de crianças.

Relativamente à aprendizagem, os jesuítas debateriam que matérias deveriam ser ensinadas. A primeira opinião aprovada por todos seria que o latim tornar-se-ia a língua obrigatória. Seguidamente, ensinar-se-iam os Casos de Consciência. O ensino das restantes ciências - por serem as crianças muito jovens -, aguardar-se-ia que se tornassem mais adultas, dependendo o ensino das mesmas, do talento de cada criança. Além destas resoluções, decidiu-se que às crianças mais inteligentes se ensinassem Artes e Teologia. No âmbito do ensino da Teologia, os padres ficavam proibidos de ensinar as chamadas «controvérsias e erros dos hereges» ou as «diversidades de opiniões dos doutores». Em vez disso, seriam produzidos compêndios sumariando os princípios católicos considerados convenientes para o ensino.¹⁴

A estrutura interna dos Seminários para crianças

Após ter sido discutido em Bungo o sistema de educação a ser instaurado nos Seminários para crianças, os principais jesuítas procedem à implementação de um regimento geral que servisse todos os Seminários criados no Japão.

1) A governação: Superior, Irmão primeiro, Irmão segundo ou *dojuku*

Em primeiro lugar, estabelece-se que o Superior da Casa da Companhia de Jesus numa determinada região do Japão teria por inerência do cargo, a responsabilidade do Seminário. Abaixo do Superior, trabalhariam mais dois Irmãos, ou um Irmão e um *dojuku* de confiança. O primeiro Irmão obedecia ao Superior da casa, mas tinha algumas liberdades, nomeadamente açoitá-las as crianças ou atribuir-lhe algum tipo de penitência sempre que julgasse necessário. A sua função laboral centrava-se exclusivamente no Seminário, não se ocupando de mais nenhuma outra coisa a não ser a educação das crianças. Este Irmão dormia e vivia no Seminário, e quando os meninos saíssem das

¹³ ARSI, Jap Sin 2, fl. 38.

¹⁴ ARSI, Jap Sin.2, *Consulta*, fl.10.

instalações era obrigado a acompanhá-los. Este Irmão tinha também como encargo fazer com que as crianças obedecessem a todas as regras estipuladas no «Regimento» dos Seminários. Para o auxiliar nesta tarefa, existia um outro Irmão ou *dojuku* japonês.¹⁵

O Superior da Casa da Companhia de Jesus devia prover a casa de mantimentos atempadamente para que nunca faltasse nada, nem que tivesse que gastar mais dinheiro por comprar o que era necessário fora da época, principalmente os mantimentos de arroz, o *miso* de peixe seco e salgado e outros produtos japoneses como *umes*, *yamamomos* salgados e *cõnomono*. O irmão primeiro do Seminário estaria também a cargo da despensa (ofício de *yacuny*), supervisionando a distribuição dos alimentos.¹⁶

O padre Superior era instruído para fazer cumprir as regras do Seminário e impedir que os estudantes se distraíssem dos seus estudos, para se ocuparem com outras coisas. Relativamente à educação e comportamento dos seminaristas, o Superior era instruído a ouvir sempre a opinião do Irmão primeiro e aconselhar-se com ele sobre tudo o que estivesse relacionado com o Seminário ou ocorresse com os estudantes.¹⁷

Era igualmente importante que os estudantes vivessem felizes, por isso deviam ser tratados com amor e quem os supervisionava devia evitar ser rígido ou zangar-se. Contudo, era permitido açoitar e castigar quando fosse justificado, mas sempre com «brandura & suavemente».¹⁸

2) Casa do Seminário

Uma das preocupações principais dos jesuítas relativamente ao Seminário era a higiene, pelo que este lugar devia estar sempre limpo e arrumado, com um altar devidamente organizado. No chão, os colchões de palha comprimida denominados *tatamis*, deviam ser mudados anualmente. Os meninos também tinham os seus lugares de estudo organizados, sendo os mais aplicados colocados nos lugares da frente. Esta organização manter-se-ia sempre que os meninos saíssem do Seminário, ou quando fossem à igreja.¹⁹

3) As roupas

Os meninos deviam estar sempre vestidos com roupa limpa e tinham dois tipos de roupa. O primeiro tipo de roupa eram quimonos de canga azul para usarem dentro do

¹⁵ ARSI, Jap Sin 2, fl. 36.

¹⁶ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37.

¹⁷ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37v.

¹⁸ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37v.

¹⁹ ARSI, Jap Sin 2, fl. 36.

Seminário; o segundo tipo de roupa era para quando saíssem, também quimonos de cor azul e *dobucos* pretos. A roupa de canga azul era utilizada pelos seminaristas de proveniência social média ou baixa. Já os seminaristas provenientes de famílias nobres ou ricas usavam quimonos de seda, também de cor azul. Caso não fosse possível vestir quimonos azuis, podiam vestir quimonos com outra cor que fosse considerada «honesta» quando saíam do Seminário ou quando os seus progenitores os vinham visitar.²⁰

Durante o Inverno, os meninos tinham roupa adicional, as chamadas «catabiras», uma espécie de roupa interior que era colocada por baixo dos quimonos. Usavam igualmente calções para se protegerem do frio. Cada um dos seminaristas tinha várias «catabiras» e calções, os quais eram de cor branca e feitos de canga. Durante esta época usavam um quimono comprido para melhor protegerem o corpo. Todas as semanas uma mulher dirigia-se ao Seminário para recolher a roupa que precisava de ser arranjada e trazer a que fora consertada.²¹

4) Refeitório

Era obrigatório os refeitórios do Seminário estarem sempre limpos, com as mesas e assentos organizados. Cada Seminário tinha um ou dois criados ou escravos para cozinhar.²² A quantidade de comida destinada aos alunos variava de acordo com a idade e necessidade de cada um e era normalmente arroz, acompanhado de *miso* feito a partir de peixe seco e salgado e um *say*²³ de peixe. Se não fosse possível seguir essa receita à risca, seria substituída por algo semelhante. Aos domingos e dias santos abriam-se algumas exceções adicionando um *say* de peixe às refeições, fruta e algum doce. Sempre que jejuavam também lhes era adicionado um *say* de peixe. Durante as refeições seguiam a etiqueta japonesa, os quais também lhes seriam ensinados no Seminário.

5) A Dormida

Durante a noite, no dormitório do Seminário era mantida sempre uma candeia acesa e os estudantes dormiriam separados (meio «tatami»— colchão de palha - entre eles).

²⁰ ARSI, Jap Sin 2, fls. 36-36v.

²¹ ARSI, Jap Sin 2, fl. 36v.

²² O documento usa a expressão *moços próprios*. Sobre o significado ambíguo desta designação leia-se: Lúcio de Sousa, *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves* (Leiden, Nld.: Brill, 2018).

²³ Medida japonesa.

Tinha cada um o seu armário, onde guardava a roupa.²⁴ No Inverno, cada seminarista tinha a sua própria esteira onde dormia.²⁵

6) Higiene

O Seminário tinha um lavatório no qual os estudantes tomavam banho. No verão, os estudantes eram obrigados a lavarem-se de oito em oito dias e durante os meses de inverno de quinze em quinze dias. Quando o tempo era favorável, era-lhes dada licença para tomarem banho no rio ou no mar.²⁶

7) Os professores do Seminário

Era obrigatório cada Seminário ter dois mestres que ensinassem a ler e a escrever em latim e em japonês. Para poupar recursos económicos, o Irmão primeiro e Irmão segundo ou *dojuku* que trabalhavam exclusivamente no Seminário, deviam ter um nível de educação extremamente elevada para poderem exercer as funções de professores. Na eventualidade de não ser possível, seriam utilizados outros professores que pertencessem à Companhia de Jesus, preferencialmente irmãos. Podiam também ser contratados professores que não pertencessem à Companhia de Jesus, embora fosse preferível serem sempre pessoas da igreja. Era permitido, inclusive, deslocar irmãos de uma residência jesuíta distante para o Seminário.²⁷

8) O método de ensino

Primeiramente, os seminaristas aprendiam japonês. Quando o nível de escrita e leitura fosse elevado, começavam a estudar latim. O ensino de latim era iniciado com a sintaxe, e só depois eram ensinadas outras matérias da gramática. A mudança do ensino da língua japonesa para a língua latina também implicava uma mudança no horário de estudo, ou seja, as horas que eram utilizadas na escrita e leitura em japonês (ou a maior parte delas) passavam a ser utilizadas na composição e estudo de latim.²⁸

Os estudantes que terminassem a aprendizagem de latim e demonstrassem talento no estudo eram então iniciados noutras ciências, particularmente nos *Casos de Consciência*. Mais tarde, ser-lhes-ia introduzido a filosofia e teologia. Nos campos

²⁴ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37.

²⁵ ARSI, Jap Sin 2, fl. 36v.

²⁶ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37v.

²⁷ ARSI, Jap Sin 2, fl. 36v.

²⁸ ARSI, Jap Sin 2, fl. 36v.

filosófico e teológico, enfatizava-se o ensino de temáticas sobre a fé e a imortalidade da alma, a diversidade de opiniões entre os diversos doutores da igreja, as controvérsias e opiniões dos hereges. Os professores eram instruídos a ensinarem somente a doutrina aceite pela igreja (tanto na filosofia como na teologia), sendo proibido o ensino de Aristóteles e outros autores, fossem eles antigos ou modernos, para que os seminaristas não aprendessem «perplexidades» e diversidades de opiniões e erros. O motivo para esta estratégia de ensino era evitar quaisquer danos que estas correntes de pensamento pudessem infligir às recém-formadas comunidades cristãs japonesas. Com este intuito criar-se-ia um livro contendo a doutrina comum e excluindo as controvérsias religiosas, ou utilizar-se-iam os compêndios de Marco Vigerio della Rovere (1446-1516) teólogo e reformador da Cúria Romana, e de Dionísio Cartusiano (Dionísio Cartuxo – 1402-1471), místico e teólogo cartuxo. No caso de se utilizarem outros compêndios, estes deviam seguir as mesmas diretrizes de pensamento de Rovere e Cartusiano. Para a propagação das ideias destes teólogos, era permitido a utilização da imprensa.²⁹

Paralelamente, os estudantes mais talentosos para as artes, aprenderiam a cantar e a tocar cravo e viola, além de outros instrumentos, aprendizagem que serviria na celebração das cerimónias da igreja e festas solenes.³⁰

9) Horário Geral

O horário definido era muito importante no Seminário e o irmão antigo ordenava a distribuição das horas, sendo obrigatório a missa, a qual devia ser feita na hora certa e não devia transpor o horário definido para não desorganizar as restantes tarefas. O horário das refeições também devia ser cumprido à risca e, durante as mesmas, os seminaristas tinham aulas de língua japonesa e de latim.³¹

Aos domingos e dias santos, os seminaristas faziam passeios ao campo e podiam divertir-se com jogos depois do jantar. Nessas ocasiões recebiam fruta para merendar e *mochis*.³² Quando viajavam ao campo, à tarde, quando regressavam ao Seminário, voltavam a cear.³³

Nos Seminários também estava sempre um confessor ordinário e os estudantes confessavam-se mensalmente. Os mais velhos entre eles podiam confessar-se mais

²⁹ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37.

³⁰ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37.

³¹ ARSI, Jap Sin 2, fl. 37.

³² Bolo de arroz japonês.

³³ ARSI, Jap Sin 2, fl. 38.

frequentemente. Relativamente a receber o Santíssimo Sacramento, este só era permitido aos estudantes com conhecimentos suficientes sobre o cristianismo, os quais comungavam pelo menos quatro vezes ao ano, nomeadamente na Páscoa, Natividade, Ressurreição/Espírito Santo e dia da Assunção de Nossa Senhora. A esses estudantes, cada sexta-feira à tarde ser-lhes-ia feita uma exortação por meia hora, sendo-lhes ensinados algum tema de carácter espiritual e na sexta-feira seguinte teria sobre esse mesmo tema uma discussão.³⁴

10) Horário detalhado

Vejamos agora a distribuição das horas dos estudantes do Seminário de forma detalhada.

No verão, os estudantes do Seminário levantavam-se às quatro horas e meia da manhã e rezariam até às cinco horas com os padres. No inverno, os estudantes levantavam-se às cinco horas e meia e oravam até às seis horas. O horário de inverno começava a partir da terceira semana do mês de outubro e estendia-se até ao início da terceira semana do mês de fevereiro.³⁵

Quando terminava a meia hora de oração, iniciava-se uma missa não especificada que duraria uma hora (até às seis horas da manhã no horário de verão) e depois procederiam à limpeza do dormitório (a qual deveria ser breve).

Das seis às sete da manhã, os seminaristas estudariam. Os mais velhos ocupariam esse período memorizando a lição e os mais pequenos aprendendo os vocábulos latinos. Das sete às nove da manhã, aprenderiam com o professor de latim. Neste período, os estudantes mais velhos ocupavam-se em aprender, memorizar e escutar a leitura em latim do professor, já os mais jovens estudavam as suas matérias. Os estudantes mais velhos e competentes em língua latina podiam ajudar a corrigir as matérias realizadas pelos estudantes mais jovens.

Das nove às onze, os seminaristas almoçavam e brincavam. Das onze às catorze horas, era o período em que todos escreviam e liam em japonês. Os melhores alunos escreviam cartas indicadas pelo professor japonês, o qual as corrigiria para que se aproveitassem e não se perdesse tempo.

³⁴ ARSI, Jap Sin 2, fl. 38.

³⁵ ARSI, Jap Sin 2, fl. 38v.

Das catorze às quinze horas, os seminaristas dedicavam-se às artes nomeadamente a aprenderem a cantar, tocar, ou outro tipo de atividade que tivessem particular talento.³⁶ Das quinze horas até às dezasseis horas, estudava-se novamente a língua latina. Os mais jovens liam ou escreviam matérias em latim e os mais velhos dedicavam-se a escrever uma composição mais complexa, ou a aprender alguma lição preparada pelo professor.

Das dezasseis até às dezassete horas, era-lhes permitido ocuparem-se em atividade de lazer. Das dezassete às horas dezanove horas era servida a ceia. Durante este período, os seminaristas também se ocupavam em atividades de lazer. Das dezanove às vinte horas, os mais velhos estudavam novamente latim e os mais pequenos estudavam língua japonesa. Às vinte horas iniciava-se o exame diário e, terminado este, rezavam as ladainhas de Nossa Senhora e iam dormir.³⁷

Seminários de Adultos

O recrutamento de adultos

Relativamente aos Seminários para adultos a sua estrutura era muito mais simples do que os Seminários para crianças. No âmbito do recrutamento, os missionários deliberavam que todos os japoneses que quisessem entrar na Companhia de Jesus deviam ser aceites. Estariam então à experiência durante dois anos. Este período seria designado por noviciado. Caso permanecessem na missão e não desistissem, após o noviciado começariam a estudar de acordo com as suas aptidões intelectuais. O tipo de estudo que cada membro realizaria seria decidido pelos Superiores de cada noviciado. Esperava-se também que os melhores entre o clero nativo, pudessem ser ordenados padres.³⁸

Além do estudo, os membros destes Seminários eram utilizados para pregar, ensinar e escrever livros em língua japonesa, o qual não se podia realizar com os missionários europeus.

³⁶ ARSI, Jap Sin 2, fl. 38v.

³⁷ ARSI, Jap Sin 2, fls. 38v.-39.

³⁸ ARSI, Jap Sin 2, Consulta, fls.19v-20.

3. São Paulo (Macau) e a importância do Clero japonês para a sua construção

Macau, localizado no sul da China, na foz do Rio das Pérolas, que desagua no Mar da China Oriental, seria uma região governada por Portugal desde aproximadamente o ano de 1557 até ser entregue à China em 1999. Os portugueses escolheram Macau como base no Extremo Oriente principalmente para o comércio. A proximidade de Macau com as grandes potências da China, Japão e ilhas Ryukyu (Ryūkyū) tornava-o um local privilegiado para o comércio. Esse comércio era geralmente denominado de comércio *Nanban* ou *Nanban Bōeki* no Japão e, embora especiarias e artesanato fossem comercializados, os principais produtos de importação e exportação eram a seda crua da China e prata do Japão proveniente predominantemente das minas de Iwami. O Japão, em particular, produzia nesta altura uma grande quantidade de prata, elemento essencial para o desenvolvimento de Macau. A administração portuguesa, que percebeu essa importância, sob a autoridade do rei e do vice-rei da Índia, enviaria anualmente naus capitaneadas por um Capitão-mor para realizar o comércio entre Macau e Japão e para, paralelamente, supervisionar judicialmente a área. Como resultado do comércio com os países vizinhos, um número considerável de japoneses começou a fluir para Macau, levando à formação de uma comunidade japonesa. Vestígios desta presença ainda podem ser identificadas na cidade, como na área chamada «Beco do Misso», perto da Fortaleza de Monte e das Ruínas de São Paulo, ambas com importantes contribuições de arquitetura japonesa. A relação entre o Colégio de São Paulo de Macau e o Japão é fruto da mente do jesuíta italiano Alessandro Valignano. Este projeto, começa a tomar forma em 1592, devido ao contexto social e político do Japão da segunda metade do século XVI: as constantes guerras internas e a animosidade das populações locais em relação ao cristianismo, agravadas pelo édito anti-cristão de Toyotomi Hideyoshi publicado em 1587.

A referida conjuntura tornava a educação do clero japonês no Japão difícil e instável. Como tal Valignano decidiu criar o Colégio de Macau e dentro desta instituição incorporar um Seminário vocacionado para os estudantes japoneses, os quais podiam aprofundar os seus conhecimentos religiosos em segurança, antes de serem transferidos para o Japão para participar ativamente na Missão japonesa. Nos finais de 1594, este projeto é realizado e durará até 1672. Após a fundação do Seminário japonês em Macau, os melhores estudantes japoneses começaram a viajar desde Nagasáqui até à península

chinesa, dedicando-se exclusivamente ao estudo do cristianismo durante quatro ou cinco anos e, paralelamente, convivendo com seminaristas ocidentais e asiáticos que, como eles, também aprimoravam os seus estudos. Durante a vida de Alessandro Valignano, o Seminário funcionaria com sucesso e em 1603, nove anos após a fundação, viviam trinta e um irmãos japoneses no colégio. Estes irmãos, eram assistidos pelo Irmão japonês André Kusano, assistente e homem de confiança de Valignano. Esta figura religiosa era uma das mais importantes da missão japonesa tendo influenciado muitas medidas tomadas pelo jesuíta italiano. Com a morte de Valignano, o padre italiano Francesco Pasio,³⁹ o qual se tornaria Vice-Provincial de 1600 a 1611, fecha temporariamente com sucesso este Seminário e em 1609, à exceção de Kusano, todos os japoneses tinham regressado ao Japão. Em 1612, era dado o último golpe ao projeto de Valignano com a expulsão de Kusano da Companhia de Jesus. Contudo, com a expulsão dos religiosos do Japão no ano de 1614, o Colégio de São Paulo, volta a receber um incontável número de japoneses. Estes japoneses, além de assistirem a comunidade nipônica que se estabeleceu na cidade, também viajavam ao Japão onde trabalham na clandestinidade, tornando-se a grande maioria mártires. Outra parte significativa destes religiosos, viajavam para o atual Vietname onde passam a assistir as comunidades cristãs japonesas aí estabelecidas.

Papel da Fachada da Igreja de São Paulo para a conversão de chineses e japoneses

A fachada da *Mater Dei*, com as suas várias decorações e estátuas, servia também como uma espécie de manual para transmitir as ideias e a história do cristianismo e dos

³⁹ Francesco Pasio nasce em Bolonha em 1553 e falece em Macau a 30 de agosto de 1612, O dia 24 de outubro de 1572 marca a entrada de Pasio na Companhia de Jesus, em Roma. No Colégio Romano, este jesuíta aprenderá filosofia (1573), viajando posteriormente para Coimbra, onde prosseguirá os estudos e se especializará em Teologia (1577). É durante a sua estadia na cidade portuguesa que é nomeado para a missão do Oriente, partindo de Lisboa a 12 de março de 1580. Já na Índia, continua os seus estudos em Teologia em Goa até partir para Macau em abril de 1582. O encontro de Pasio com o Japão inicia-se em 1583, onde permanecerá por quase três décadas. No campo da missão seria nomeado Superior das residências de Sakai (1588) e de Nagasáqui (1591), Vice-provincial do Japão (1600-1611) e, finalmente, Visitador da China e do Japão (1611-1612). Paralelamente ao seu trabalho missionário, Pasio também se destacará como um prolífero cronista da experiência jesuíta no Japão. Além de escrever diversas *cartas anuais* contendo o balanço anual da Companhia de Jesus no Extremo-Oriente, redigiria inúmeras cartas oficiais e privadas para Roma, as quais permanecem maioritariamente inéditas e podem ser consultadas no Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI). A par do cronista português Luís Fróis, o italiano Pasio personifica os ideais do “Humanismo europeu” no Extremo-Oriente. Para terminar os nossos apontamentos biográficos, gostaríamos de destacar a faceta reformadora de Pasio em *Obediências dos Visitadores feito para os padres das Residências e mais padres de Japão, pelo padre Francisco Pasio, realizada no ano de 1612* e ainda inédita. Esta obra pode ser consultada em: Biblioteca da Ajuda, Jesuítas na Ásia, Códice 49-IV66. Sobre mais informações de carácter biográfico, veja-se: Charles Joaquín Domínguez O’Neill (org.), *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesus* (Madrid: Universidad Pontificia, 2001), 3052-3053.

jesuítas. Muitas igrejas, como as que se encontram nas colónias portuguesas, têm o seu interior decorado com magníficas decorações e iconografias que transmitem mensagens religiosas. Contudo, o interior da igreja é destinado aos crentes. Curiosamente, a fachada de São Paulo tem muita iconografia e decoração direta, mesmo do lado de fora, pelo que podemos deduzir que esta fachada estava direcionada para o exterior, para os não crentes. Quando a igreja de São Paulo foi contruída, Macau era habitada por duas populações maioritárias, nomeadamente chineses e japoneses, predominantemente pobres e analfabetas. Como estas populações eram alvo de conversão ao cristianismo, era mais fácil transmitir visualmente a mensagem da nova religião do que por escrito. Além disso, enquanto a cerimónia de batismo era realizada dentro da igreja, a pregação era basicamente feita fora da igreja, constituindo uma etapa preliminar. Desta forma, a grande fachada era uma «tela» perfeita para as ideias a serem usadas no sermão.

No plano térreo da Igreja de São Paula, as letras *JHS*, símbolo da Companhia de Jesus, e as palavras *MATER DEI*, mãe de Deus, estão gravadas na parte superior da porta principal, transmitindo a ideia de que ambos são igualmente importantes. Além deste pormenor, a arquitetura térrea é extremamente simples quando comparada à dos andares superiores. Esta decisão arquitetónica, parece ter sido intencionalmente escolhida para destacar a decoração superior.

No primeiro andar, à esquerda, estão alinhadas as estátuas de Inácio de Loyola, Francisco de Bórgia, Francisco Xavier, Alonso Gonzaga, todos jesuítas. Esta escolha não seria aleatória, existindo um propósito claro para a sua edificação. Inácio de Loyola foi um dos membros fundadores e o primeiro Superior da Companhia de Jesus. Loyola, à semelhança de Francisco Xavier, era de origem Basca e introduziria as estratégias espirituais principais desta nova ordem, como os *Exercícios*, ou o *modus acomodatio*. Já Francisco de Bórgia pertencia à aristocracia espanhola e foi educado como cavaleiro, tendo servido o Imperador Carlos V após a morte da sua esposa Isabel de Portugal. Descontente com vida nobiliárquica, Bórgia ingressou na Companhia de Jesus, tornando-se no terceiro Superior desta Ordem.

Francisco Xavier, também de origem aristocrática, decidiu tornar-se padre influenciado por Loyola, quando estudava na Universidade de Paris. A maior parte de seu trabalho missionário foi na Ásia, tendo introduzido o cristianismo no Japão.

Finalmente, a quarta estátua representa Alonso Gonzaga, nobre de origem italiana. Desde jovem, Gonzaga foi uma pessoa enferma, mas exceccionalmente inteligente e

espiritual, cultivando uma fé profunda. Durante a epidemia de peste em Roma, Gonzaga cuidaria pessoalmente dos pacientes. A sua ligação com o Oriente não é evidente.

Relativamente ao propósito de escolha destas estátuas, Loyola seria selecionado por ser o fundador da ordem e uma figura incontornável para a sua história; Xavier, pelo seu trabalho missionário como fundador da Companhia de Jesus, e pelas suas atividades missionárias na Ásia. Bórgia, além do importante papel na Companhia de Jesus, também era o padroeiro dos terremotos. Seria uma coincidência que sua estátua tenha sido escolhida para uma igreja numa região da Ásia propensa a terremotos? Já Gonzaga é um crente fervoroso e alvo de experiências místicas. Juntamente com Loyola, ele é a primeira figura jesuíta a ser canonizada. Talvez ele tenha sido escolhido por causa de sua devoção desde tenra idade, e seu caráter altruísta perante os enfermos e necessitados.

No segundo andar da igreja de São Paulo foi colocada uma estátua de Maria no centro. Este andar é mais decorado do que os andares inferiores e, pela primeira vez, apresenta colunas com uma fusão dos estilos jónico e coríntio. Embora a figura de Maria seja indispensável na explicação do Cristianismo, pode-se fazer um paralelismo com o Oriente onde a figura da Virgem Maria foi importantíssima na difusão do Cristianismo por se assemelhar à *Mazu*. A *Mazu* é uma divindade guardiã da navegação e da pesca adorada nas áreas costeiras da China e de Taiwan. As suas origens remontam à Dinastia Song, centenas de anos antes da chegada dos portugueses a Macau.

Os símbolos em torno da estátua de Maria, especialmente a estátua de Nossa Senhora colocada num barco que cruza o mar agitado, identifica-se claramente com a imagem de *Mazu*, o que explica a importância da Virgem Maria para as populações nativas e o seu papel na transmissão do cristianismo.

Gostaríamos também de salientar que, à exceção de Maria, todas as estátuas da fachada da Igreja de São Paulo representam figuras masculinas. Por esse motivo, somos levados a especular que a inclusão da Virgem Maria também serviria de referência para as mulheres recém-convertidas ao cristianismo.

No terceiro andar, a figura central é uma estátua de Cristo na versão de uma criança, acompanhado por anjos segurando cruzes, emoldurados por pilares em que as letras que compõem os nomes São Pedro e São Paulo são esculpidas. Nesta composição arquitetónica, Cristo, a figura mais importante do cristianismo, tem o efeito de aumentar a sacralidade do edifício. Outro aspeto que nos parece importante refletir é a escolha de um Cristo infantil, quiçá um paralelismo para uma cristandade asiática ainda jovem, que só a passagem do tempo amadureceria.

A fachada do terceiro andar da Igreja de São Paulo também inclui uma importante característica arquitetónica, nomeadamente os inúmeros crisântemos esculpidos. Esta escolha está diretamente relacionada com os cristãos japoneses que afluíam em massa a Macau, e que além de fazerem parte da composição social, económica e política desta cidade, também participariam na construção da igreja de São Paulo, e estudariam no Seminário.

O quarto e último andar da igreja de São Paulo é decorada com um frontão triangular. Na parte central desta fachada, encontra-se esculpida uma pomba, uma clara referência ao Espírito Santo. Esta pomba seria adornada por quatro estrelas ladeadas pelos símbolos da lua e do sol.

Além destes elementos arquitetónicos, gostaríamos de encerrar este capítulo, acrescentando que por toda a fachada existem elementos da cultura asiática esculpidos e até letras chinesas, o que torna este monumento verdadeiramente único no universo arquitetónico jesuíta.

4. Estrutura da Companhia de Jesus no Japão

Este esforço organizado opta por seguir a estratégia denominada por *modus acomodatio*, ou seja, elementos nativos são incorporados na Companhia de Jesus no Japão. O primeiro elemento que evidencia esta estratégia é a construção da própria hierarquia religiosa jesuíta no Japão, a qual é claramente inspirada na hierarquia religiosa dos *Genxus*, reconhecida então como a principal seita religiosa do arquipélago.⁴⁰

Desta forma, temos o *Superior do Japão* que tinha como função principal coordenar toda a missão japonesa, seguidos pelos chamados *Superiores Universais*, missionários que dirigiam as residências e se ocupavam dos diferentes polos de evangelização; os *Padres*, os quais viviam temporariamente nas residências e se ocupavam na conversão e evangelização das regiões circundantes das residências. Mais abaixo, seguiam-se os *Irmãos Antigos*, os quais acompanhavam os padres e, na realidade, eram eles os elementos fundamentais no processo de conversão, já que, na sua generalidade, os padres europeus, não tinham domínio da língua japonesa. Os *Irmãos Antigos* eram também aqueles que, como o nome indica, por serem *antigos* dentro da

⁴⁰ Veja-se: Alessandro Valignano, *Il Cerimoniale per i Missionari del Giappone*, (ed. G. Shütte) (Roma, Edizione di Storia e Letteratura: 1946); Pedro Lage Reis, «Alessandro Valignano attitude towards Jesuit and Franciscan concepts of evangelization in Japan (1587-1597)», *Bulletin of Portuguese - Japanese Studies*, núm. 2, june (2001): 79-108.

Companhia de Jesus, tinham uma maior probabilidade de se tornarem sacerdotes. Juntamente com os *Irmãos Antigos* trabalhavam também os *Irmãos Noviços*, elementos recém-chegados à Companhia de Jesus. Esta estrutura é completada pelos *Dojokus* e *Moços de serviço*. A categoria *Dojokus* é uma categoria polifacetada, ou seja, os elementos que pertenciam a esta categoria podiam ser catequistas itinerantes, acompanhando os padres e os irmãos; ou não itinerantes, trabalhando nas residências jesuítas. Já os *moços de serviço* é outra categoria dúbia que englobava japoneses contratados que trabalhavam nas casas jesuítas e escravos comprados pelos padres para servirem nas residências.

Capítulo 2 A Pregação e a Divulgação da Mensagem

1. Irmãos Pregadores e *Dojucus* pregadores japoneses

Os irmãos pregadores eram ensinados a comportarem-se de forma exemplar, levando uma vida regrada, e desta forma servirem de referência a todos os japoneses que com eles contactavam. Segundo os jesuítas, a boa conduta dos irmãos pregadores ajudaria a persuadir os não crentes no cristianismo a converterem-se.

Nas pregações os irmãos pregadores japoneses levavam um pequeno livro com eles, no qual tinham escritos os princípios dos Evangelhos, uma secção dedicada às virtudes, outras aos vícios, e uma última secção dedicada às pregações. Relativamente à secção dos Evangelhos, os pregadores deixavam algumas folhas em branco para anotarem argumentos que ouviam ou liam relacionadas com cada Evangelho. Nas secções das virtudes e vícios, deixavam igualmente algumas folhas em branco aonde anotavam o que liam ou ouviam pertencente a cada vício e virtude. Finalmente, na secção das pregações, os irmãos japoneses deveriam ter anotadas algumas pregações de bons pregadores para aprenderem o conteúdo, a ordem e a forma de as fazerem publicamente.

O treino na Pregação era extremamente importante e os pregadores japoneses realizavam treinos até atingirem um nível elevado. Nesses treinos, os pregadores eram avaliados e avisados nos erros ou faltas que cometiam. Os melhores pregadores japoneses, eram também utilizados como professores nos Seminários de crianças, ensinado a doutrina cristã.⁴¹

Relativamente aos conteúdos das pregações, estas podem ser divididas em duas diferentes fases: 1) Fase pré Pero Gómez; 2) Fase pós Pero Gómez.

1) Fase pré Pero Gómez

Nesta fase a forma como se pregava era bastante vaga e os pregadores eram instruídos a selecionarem temas que os ouvintes pudessem entender e que fossem «proveitosos a suas almas». Os temas a que se referiam os jesuítas europeus eram a vida e morte de Jesus, os seus méritos, virtudes; as vidas e martírios de santos; e conceitos abstratos da doutrina cristã como a *Morte*, o *Juízo Final*, o *Inferno*, a *Glória*. Os

⁴¹ ARSI, Jap Sin II, fl. 112v.

pregadores japoneses eram também impelidos a não mencionarem temas considerados aborrecidos ou *cousas curiosas*.⁴²

Durante as pregações, os irmãos pregadores eram aconselhados a exortarem os fiéis japoneses a confessarem-se, a comungarem e a realizarem «boas obras» frequentemente, assim como a respeitarem as diretrizes eclesiásticas, obedecerem aos prelados, praticarem a penitência e obras de misericórdia.

A evitar durante as pregações a repreensão em público aos *tonos* ou senhores dos lugares, quer estivessem presentes ou ausentes. Estavam também proibidos de criticar religiosos religiões. A ambos deviam mostrar respeito e reverência.

Os irmãos pregadores também deviam evitar falar de rumores e notícias incertas, ou de falar de assuntos duvidosos, contarem anedotas ou mencionarem assuntos inúteis. Relativamente à postura, os gestos físicos deviam ser contidos («modestos e religiosos»). Os pregadores estavam proibidos de mostrarem ostentação ou arrogância, devendo apresentarem-se e falarem com humildade, e a entonação vocal harmoniosa («não uzem nem altos e baixos na pregação»)⁴³ Sempre que tivessem de falar no próprio nome, ou em nome da Companhia de Jesus, deviam fazê-lo com muita modéstia. Não deviam ser afetados no pregar nem utilizarem palavras sinuosas para se exibirem ou mostrarem-se doutos. Antes das pregações, deviam refletir sobre o tipo de assuntos que iriam falar para que os ensinamentos e verdades pregadas pudessem influenciar os ouvintes a serem virtuosos.⁴⁴

As pregações eram divididas em dois tipos: pregações para os cristãos e pregações para os não cristãos.

As pregações para cristãos deviam ser divididas em três partes: 1) narração; 2) exclamação; 3) repreensão. Na narração o pregador era instruído em apresentar os assuntos em forma de história; na exclamação devia usar um vocabulário que imbuísse calma, humildade e moralidade. Ao terminar esta secção, devia pedir auxílio a graça a Deus para a Companhia de Jesus e para a audiência que o escutava. Finalmente, na secção da repreensão, o pregador devia falar ferverosamente e com uma tonalidade de voz alta, repreendendo os vícios e pecados que eram cometidos na povoação pelos fiéis japoneses.⁴⁵

⁴² ARSI, Jap Sin II, fls. 112v-113.

⁴³ ARSI, Jap Sin II, fls. 112v-114.

⁴⁴ ARSI, Jap Sin II, fls. 112v-114.

⁴⁵ ARSI, Jap Sin II, fl. 114.

As pregações para os não cristãos enfatizavam o entendimento da religião cristã. Para tal, eram utilizados os dez capítulos do *Sumario de Fides*, um guia religioso preparado com textos de vários autores da igreja, onde era explicitado o que era necessário acreditar e fazer para a salvação da alma. Nestas pregações, os pregados eram instruídos a repetir estes dez capítulos muitas vezes, sendo considerados de suma importância para o processo de conversão.⁴⁶

Esta forma de pregação seria realizada até à chegada do jesuíta Pero Gómez ao Japão.

2) Fase pós Pero Gómez

Antes de iniciarmos a passarmos à explicação sobre a forma de pregação introduzida pelo jesuíta Pero Gómez no Japão, gostaríamos de referir algumas notas biográficas. Pedro Gómez nasce em Antequera em 1535 e falece em Nagasáqui a 21 de fevereiro de 1600. O dia 21 de dezembro de 1553 marca a entrada de Gómez na Companhia de Jesus de Alcalá de Henares. Será nesta localidade que estudará durante sete anos Gramática e Artes (antes de entrar oficialmente para a Companhia). Viajando para Portugal, começa a trabalhar na cidade de Coimbra como leitor do primeiro curso de Artes, sendo promovido em 1556 para o grau de «Mestre». A partir de 1564, torna-se leitor de Teologia em Coimbra. De saúde débil, é obrigado a abandonar a carreira académica e viaja como missionário para a Ilha Terceira, nos Açores. Desde a sua época de noviciado que Gómez ambicionava trabalhar da missão japonesa, desejo que lhe foi permitido materializar nos finais da década de 70 do século XVI, quando é nomeado para esta missão. Em 1579, parte da Ilha Terceira para a Índia e chegará a Macau em julho de 1581. A sua primeira tentativa para entrar no Japão não será bem-sucedida, naufragando na Ilha Formosa em 1582. Salvando-se, consegue regressar a Macau, partindo novamente para o Japão no ano de 1583. É imediatamente nomeado Superior de Bungo e, a partir de 1590, ocupa o cargo de Vice-Provincial, o segundo posto mais importante da missão japonesa.⁴⁷ Na década seguinte torna-se no principal teólogo da missão, sendo auxiliado pelo jesuíta Gil de la Mata.⁴⁸ Nos arquivos da Companhia de Jesus em Roma, nas cartas

⁴⁶ ARSI, Jap Sin II, fl. 114.

⁴⁷ O'Neill, Domínguez, *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesus*, 1774.

⁴⁸ Gil de la Mata nasce em Logroño no ano de 1547 e falece nos mares da China em 1599. O dia 12 de março de 1566, marca a sua entrada na Companhia de Jesus em Medina del Campo. Mata é um dos missionários que viverão no Japão com maior formação académica, tendo estudado Gramática (seis anos) e Leis (quatro anos) na Universidade de Salamanca. No ano de 1584, partirá para o Japão, chegando em agosto de 1586. Neste arquipélago, devido aos seus conhecimentos jurídicos e teológicos, é eleito

secretas enviadas pelos missionários, encontra-se uma carta codificada que descreve a sua personalidade.⁴⁹ Entre as suas contribuições académicas, de destacar o *Compendium catholicae veritatis* que serviria para guiar os missionários europeus e japoneses, publicada no Japão,⁵⁰ e o importante caderno que se encontra na Biblioteca da Ajuda denominado *Avizos para os Pregadores em Japão*.⁵¹

Este caderno transformaria a forma de pregação no Japão, e é um exemplo perfeito do *modus acomodatio* jesuíta, combinando inteligentemente os costumes japoneses com os princípios cristãos, e tem como objetivo servir de guia para todos os pregadores, fossem eles europeus, ou japoneses. Evidentemente, na prática, seriam os irmãos japoneses e *dojukus* pregadores os principais visados por este guia. Pero Gómez introduz uma nova técnica, dividindo o guia em quatro secções: 1) ensino, comoção, persuasão e apazibilabilidade; 2) narração, exclamação, repreensão e exortação; 3) pregação comum e pregação extraordinária; 4) avisos e síntese.

1) ensino, comoção persuasão e apazibilabilidade.

Nesta secção, o pregador era instruído em focalizar a sua atenção durante a pregação em ensinar. Enquanto o fazia, era aconselhado a falar espaçadamente para que os conteúdos dos seus ensinamentos fossem bem entendidos, contudo sempre procurando captar a atenção da audiência (sem ser aborrecido e com vitalidade). Seguidamente, o pregador devia fixar a sua atenção em realizar um discurso que não fosse demasiado longo e sempre que ensinasse a doutrina cristã, devia fazê-lo através de ideias e episódios que a audiência pudesse compreender com facilidade, utilizando comparações que chamassem a atenção dos neófitos e evitando argumentos ou descrições que despoletassem o riso. Outro aspeto considerado fundamental nesta fase era o pregador ter um conhecimento profundo dos assuntos que pregava, para poder expressá-los com naturalidade e eficácia.

Procurador e enviado à Europa para se encontrar com outros teólogos e esclarecer dúvidas de carácter moral relacionadas com os neófitos japoneses. Regressando ao Japão em agosto de 1598, é novamente eleito Procurador, falecendo pouco tempo depois, vítima de naufrágio. A sua vida seria estudada com alguma profundidade pelo jesuíta Jesús López Gay: Jesús López Gay, S.J., «Un Documento Inédito del P.G. Vázquez (1549–1604) sobre los Problemas Morales del Japón», *Monumenta Nipponica* 16 (1960–61): 118–160.

⁴⁹ *Es mui virtuoso, prudente y buen Relegioso Letrado y de mui buen juicio, mas es mui enfermo y debilitado de las fuerças y tiene neçessidad de ser tratado cõtinuamente como enfermo. Es en el guvierno suave y manso demasiadamente, y no tiene coraçon fuerte y effcatia para ir ala mano a los súbditos que no lo mereçen, y es naturalmente pusilânime – tuvo sempre grande talento de predicar y com gran fructo* ARSI, Jap Sin 25, fl. 39.

⁵⁰ Pedro Gómez, *Compendium catholicae veritatis: Compendia* (Tokyo: Kirishitan Bunko Library, Sophia University, 1997).

⁵¹ Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-VI8, *Avizos para os Pregadores em Japão do P.e Pedro Gomes*, 1597, fl.9 e seguintes.

O conteúdo argumentativo devia ser seguro e austero, para se revelar convincente. Tendo essas finalidades em mente, antes da pregação, o pregador era aconselhado a ter previamente preparados os temas considerados mais convincentes para a audiência.

Para finalizar esta secção, o pregador era instruído a utilizar a sua voz natural, colocando ênfase na naturalidade e convicção com que as palavras eram pregadas e não na cadência das mesmas.⁵²

2) narração, exclamação, repreensão e exortação.

A segunda secção dos *Avizos para os Pregadores em Japão* centrava-se na estruturação e conteúdos da pregação, sendo subdividido em *narração*, *exclamação*, *repreensão* e *exortação*.

Na *narração* o pregador explicaria o conteúdo da pregação utilizando sempre uma linguagem simples, transitando gradualmente para a fase da *exclamação*. Nesta segunda fase, o som da voz aumentaria o volume e o tom seria calmo e afetuoso, com o objetivo de incitar e persuadir. A fala devia transmitir autenticidade e a emoção verdadeiramente sentida, para que os neófitos acreditassem. Chegada à terceira fase, a da *repreensão*, o pregador não devia expor os argumentos de uma forma emotiva, fruto da *paixão* ou do *agastamento*. Em vez disso, devia executar a *exclamação* com uma voz eficaz e zelosa. Na última fase, a da *exortação*, a pregação seria feita com um tom de voz mais calmo do que o tom utilizado na fase da *repreensão*. A voz deveria ter uma intenção e entonação de súplica, a qual deveria ser executada com amor, consolo, alegria e calma. Na mente do pregador deveria estar presente que esta rogação deveria ser feita como quem aconselha um amigo. Esta terceira fase era particularmente relevante porque procurava aproximar os neófitos das virtudes do cristianismo, assim como dissuadi-los dos vícios que fossem contra o sistema de comportamentos e práticas cristãs.⁵³

3) pregação comum e pregação extraordinária.

A segunda secção do guia dos pregadores, subdividida em *pregação comum* e *pregação extraordinária* procurava aconselhar o predicador a ajustar a pregação ao tipo de audiência e, paralelamente, apresentava-lhe estratégias e recursos argumentativos para expandir a doutrina cristã no Japão.

⁵² Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-VI-8, *Avizos para os Pregadores em Japão* do P.e Pedro Gomes, 1597, fls.9-10.

⁵³ Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-VI-8, *Avizos para os Pregadores em Japão* do P.e Pedro Gomes, 1597, fls.10v-11v.

A *pregação comum* destinava-se aos domingos e festas nas igrejas e a *pregação extraordinária* era realizada durante as itinerâncias obrigatórias dos pregadores pelas cristandades japonesas.

Relativamente à *pregação comum*, o predicator era instruído ao selecionar o Evangelho para a pregação, a eleger dois ou três assuntos específicos e, em cada um, ensinar uma doutrina diversa, porém sempre adequada à celebração religiosa e ao público. O guia aconselhava o pregador a escolher algum *mistério do Credo* (por exemplo: o *Nascimento*, a *Ressurreição* ou a *Ascensão* de Cristo). Já nos dias Santos, o predicator poderia apresentar à audiência momentos da história da vida de Cristo, e acentuar alguma virtude, exortando os presentes a praticarem a mesma.⁵⁴

Na *pregação extraordinária*, o predicator elegeria apenas um tema do Evangelho, enfatizando uma virtude para, paralelamente, dissuadir um vício. O tema eleito seria abordado de duas ou três formas diferentes, sendo adaptado ao lugar, à conjuntura e ao tipo de público presente. Para ensinar a doutrina cristã, o predicator escolheria apenas alguns episódios e deveria ter em atenção se estava a falar para japoneses convertidos, ou por converter. No caso de a audiência ser composta por japoneses não batizados, ele podia ensinar *mistérios da fé* fazendo uso do Catecismo.⁵⁵

Relativamente às estratégias e recursos argumentativos para expandir a doutrina cristã no Japão, os pregadores eram instruídos após narrarem e explicarem algum ponto do Evangelho, exporem os benefícios para o espírito para todos aqueles que se convertessem ao cristianismo, assim como os malefícios provenientes da recusa. Para este fim, existiam instruções específicas que o pregador deveria obedecer: quando narrava, devia modular a voz de acordo com o conteúdo do argumento, explicando o contexto e as circunstâncias do tema que estava a tratar. Após apresentar algum assunto, transitaria para o tema seguinte com rapidez e clareza (recapitulando sempre o que acabara de desenvolver). Estas narrações podiam ser acompanhadas por ilustrações e comparações e a linguagem utilizada fazia uso de muito adjetivação para apresentar ao ouvinte uma representação o mais vívida possível.⁵⁶

4) avisos e síntese.

⁵⁴ Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-VI8, *Avizos para os Pregadores em Japão do P.e Pedro Gomes*, 1597, fls.12-12v.

⁵⁵ Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-VI8, *Avizos para os Pregadores em Japão do P.e Pedro Gomes*, 1597, fl.12v.

⁵⁶ Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-VI8, *Avizos para os Pregadores em Japão do P.e Pedro Gomes*, 1597, fl.12v.

O guia *Avizos para os Pregadores em Japão* era finalizado com uma síntese das três secções anteriores e de diversas notas adicionais que o predicator devia ter em atenção na preparação e execução das suas prédicas.⁵⁷

2. O caso do pergaminho de Paulo, utilizado nas prédicas itinerantes pelos irmãos japoneses

Na cidade de Oiso, prefeitura de Kanagawa, Japão, existe na coleção denominada «Ladainha e a Meditação da Eucaristia» pertencente ao Museu Memorial Miki Sawada, o único exemplo conhecido de um documento religioso, utilizado pelos pregadores japoneses itinerantes nas missas e conversões realizadas há quatro séculos atrás. Este documento trata-se de um rolo de papel com uma ilustração da Virgem Maria e os quinze mistérios de Cristo e foi analisado muito recentemente pela famosa historiadora japonesa, Mihoko Oka, professora da Universidade de Tóquio.⁵⁸

A Virgem Maria era uma figura particularmente importante para as primeiras comunidades cristãs japonesas, sendo uma das primeiras figuras da Novo Testamento a serem ensinadas pelos predadores itinerantes. A autoria das imagens e escrita contida neste rolo de papel é de um cristão chamado «Paulo» e foi realizado no ano de 1592. A professora Mihoko Oka levanta duas possibilidades sobre Paulo. A primeira hipótese é tratar-se do japonês Paulo Yokata (養方パウロ), médico muito respeitado dentro da Companhia de Jesus pelo seu elevado nível de educação. Paulo Yokata era professor de literatura japonesa no colégio jesuíta, contudo, no ano de 1592, ele já tinha mais de 80 anos. Nesta época, um professor de literatura japonesa e com um alto nível de educação, seria também um mestre exímio na arte da caligrafia, o que não se verifica no documento, já que a caligrafia e assinatura é relativamente simples. A segunda hipótese é aquela que é a mais provável é tratar-se do irmão japonês Paulo Ryoin (パウロ良印), natural de Amakusa, onde nasceu em 1553. Paulo ingressaria na Companhia de Jesus em 1577 e, dez anos depois, recebe permissão para propagar o cristianismo e construir uma igreja em Goto. Este irmão jesuíta seria um dos principais japoneses da Companhia Jesus no Japão, tendo abandonado o Japão em 1614, devido à expulsão das ordens religiosas, estabelecendo-se em Manila, onde faleceria em data incerta.

⁵⁷ Biblioteca da Ajuda, *Jesuítas na Ásia*, Códice 49-VI8, *Avizos para os Pregadores em Japão do P.e Pedro Gomes*, 1597, fls.13-13v.

⁵⁸ Mihoko Oka, *The Namban Trade. Merchants and Missionaries in 16th and 17th Century Japan* (Leiden-Boston: Brill, 2021)

Relativamente às ilustrações, sabemos que nos Seminários de Amakusa e depois Nagasáqui, existia uma escola de pintura e que muitos estudantes japoneses estudaram nela. Existem alguns exemplos destas pinturas que sobreviveram.

No documento em questão, a Virgem Maria é a primeira ilustração e ao seu redor encontra-se a frase «LOVVADO SEIA O SANTISSIMO SACRAMENTO.»

Esta imagem (figura 1) é acompanhada por uma oração em latim, mas escrita com o alfabeto japonês «hiragana» e trata-se de uma *Litaniae* do Santíssimo Sacramento. Esta oração parece servir para ser realizada durante o Eucaristia.

É provável que a base para esta pintura seja algum desenho impresso, ou gravura em cobre, produzidas na Europa no século XVI e enviadas pelos jesuítas ao Japão.



Fig. 1 Imagem da Virgem Maria com o menino Jesus ao colo. Ilustração que servia para ser mostrada aos neófitos

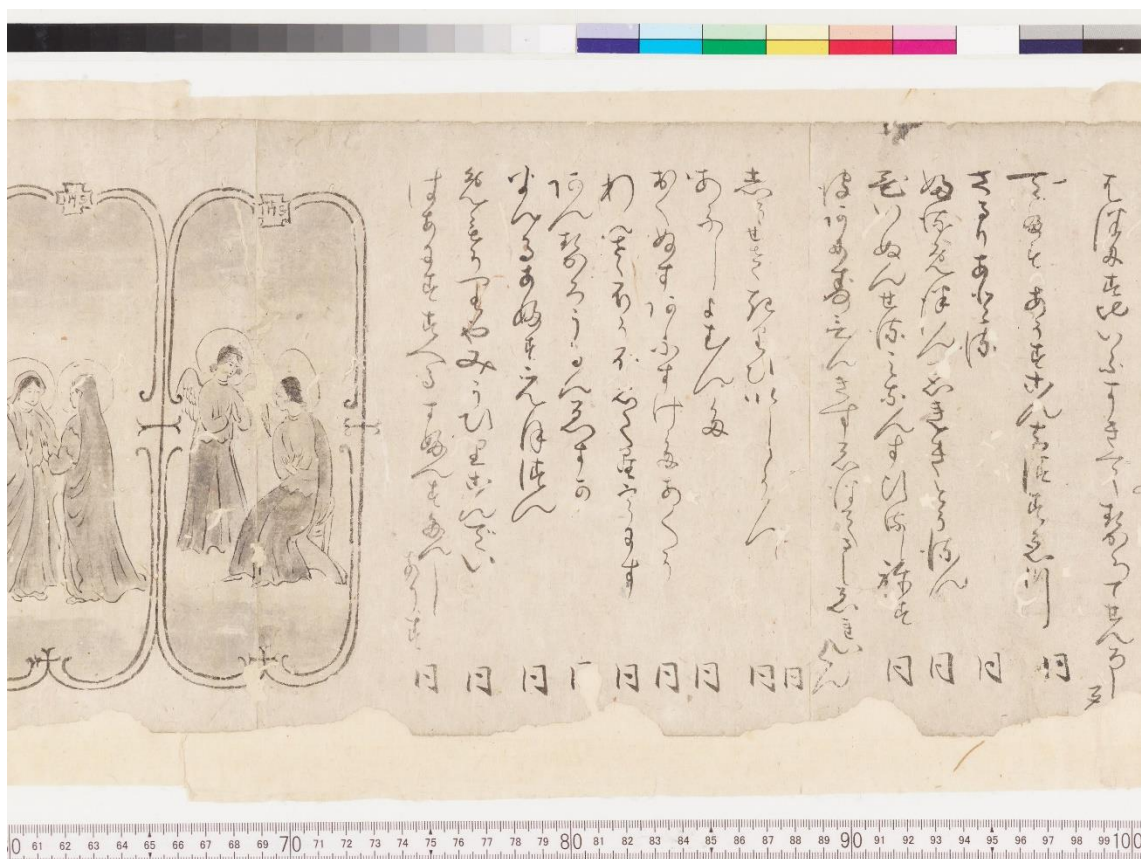


Fig. 2 Imagens da vida de Cristo, desde a Anunciação até à Ressurreição. Estas imagens são acompanhadas por explicações em japonês.

3. O caderno dos pregadores japoneses na Biblioteca Apostolica Vaticana

Na Biblioteca Apostolica Vaticana, no Vaticano, existe um livro realizado no Japão com a cota *Reg. Lat. 459*, o qual é intitulado *Evangelhos das Domingas do ano e de algumas festas principais do anno, 1591*. Este livro é iniciado com a *Historia breve da cruz que milagrosamente apareceo em Jappão*, seguido pela Explicação dos Evangelhos, Quaresma, Evangelhos dos Santos, Milagres da Virgem Maria e as Vidas dos Santos. Relativamente ao Index temático, inclui as sextas-feiras de quaresma, explicações dos evangelhos, *Passio Domini Nostri Jesu Christi*, prédicas sobre a Paixão de Cristo, Nossa Senhora do Loreto de Nossa Senhora de Monserrate. Relativamente às vidas dos santos, encontramos descrições das vidas de S. Aleixo, S. André, S.^a Apolónia, S.^a Anastácia, S. Barlão e Josaphat, S. Barnabé, S. Bartolomeu, S. Bonifácio, S.^a Catarina, S.^a Eufémia, S. Eustácio, S. Filipe, S. Jacobo Mayor, S. Jacobo Menor, Judas, S. João, São Justo, S. Mansio, S.^a Maria egipciana, S.^a Marina, S. Matias, S. Merino e companheiros, S. Pedro, S. Paulo, S.^a Sabina, S. Simão, S. Tomé, Onze mil Virgens e Quatro Mártires.

Apesar do título do livro e dos diversos capítulos serem realizados em português ou latim, o seu conteúdo está exclusivamente escrito em japonês romanizado, contendo diversas ilustrações realizadas pelos alunos das escolas de pintura japonesa. A forma como este livro chegou à Biblioteca Apostolica Vaticana é desconhecida, no entanto a maior probabilidade é que tenha sido trazido por algum sido enviado ou trazido por algum jesuíta que tenha pertencido à missão japonesa. O livro, apesar de não ter um título tem a seguinte indicação:

«Qualquer padre, pu Irmão que a este cartapácio se servir se lembre de encomendar a noss Sñor ao mínimo da Comp.^a e servo de todos o P.e eterno de todos o P.e Manoel Barreto . 1591»

Esta indicação dá-nos a entender que este livro seria realizado este ano e pelo padre Manuel Barreto. O investigador português A. Cardoso escreveria um pequeno artigo de três páginas sobre este livro, no qual infere que a tradução para japonês dos evangelhos teria sido realizada pelo jesuíta.⁵⁹ Na nossa perspetiva, levantamos diversas dúvidas sobre esta autoria. O que efetivamente parece ter acontecido foi que este projeto

⁵⁹ A. Cardoso, “Tradução dos evangelhos em japonês do jesuíta Manuel Barreto” in *Humanística E Teologia*, 12(3), (1991): 401-403, <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1991.5839>

de tradução foi organizado por Manuel Barreto, tendo a colaboração ativa na composição do texto por parte dos irmãos japoneses especialistas em língua japonesa e as ilustrações realizadas pelos seminaristas inscritos na escola de pintura de Nagasáqui.

Esta obra tem particular interesse porque servia de base para as predicções dos Irmãos japoneses e encaixa perfeitamente na «pregação comum» e «pregação extraordinária» estruturadas pelo jesuíta Pero Gómez nos *Avizos para os Pregadores em Japão*.



Fig. 3 Abertura do livro com o cabeçalho escrito em língua portuguesa e o corpo do texto inteiramente em japonês.



Fig. 4 Desenho de Jesus Cristo como Salvator Mundi, realizado por um dos pintores japoneses que estudaram na Escola de Pintura jesuíta no Japão, na abertura do livro.



Fig.5 Desenho da crucificação de Jesus Cristo abrindo a secção *As sextas feiras da Coresma en Japão: explicados os seus Evangelhos*.



Fig. 6 Desenho de Jacob terminando uma das secções.



Fig. 7 Desenho de Virgem Maria ilustrando a secção *Alguns milagres da virgem nossa Senhora e Rainha dos Anjos*.



Fig. 8 Desenho de São Pedro, ilustrando a secção *Vidas gloriosas de alguns Sanctos e Sanctas*.

4. Padres Japoneses

As condições para o acesso ao sacerdócio dos Irmãos japoneses.

Os irmãos japoneses que tinham intenção de ascender ao sacerdócio deveriam frequentar o Seminário durante muitos anos e acabar os estudos de línguas latina e japonesa. Além do aspeto linguístico eram também obrigados a dominar o âmbito teológico. Para isso, tinha sido redigido no Japão o *Compendium catholicae veritatis* onde se podia aprender as bases do cristianismo, assim como a forma de catequização dos nativos.

Desconhecemos o período de tempo que demoraria a realizar o *Compendium catholicae veritatis*, mas, sabemos que seria terminado em 1593, impresso pela primeira vez em 1595 e, graças às palavras do jesuíta Luís Fróis, sabemos igualmente como foi estruturado:⁶⁰

«Um compêndio ou resumo da fé católica foi preparado para o nosso clero, que atingiria o vigésimo número (20 pessoas), para que recebam dele (do compêndio) uma maior claridade da lei evangélica e transmitam aos gentios os rudimentos da fé, e ensinar os cristãos mais corretamente (o cristianismo)».⁶¹

Este trecho, incluído no corpo do texto, parece-nos basilar por esclarecer que o *Compendium*, seria um projeto no qual trabalhariam vinte jesuítas.

Estimava-se que para um estudante japonês conseguir terminar estes três estudos (Latim, Japonês e do *Compendium catholicae veritatis*) demoraria pelo menos oito anos. Após o período de estudo, permaneceriam nas residências jesuítas entre dois a quatro anos, período em que se exercitariam a pregar e a socializar com os visitantes. Além da pregação e socialização, os Superiores avaliariam as capacidades dos japoneses e se serviam para ser padres ou permaneceriam como Irmãos. Caso fossem considerados aptos, seriam recebidos na Companhia de Jesus e ordenados sacerdotes.

Convém, no entanto, sublinhar que os religiosos europeus queriam apenas ordenar uma minoria japonesa, mesmo que seguissem o percurso estudos previamente referidos.

⁶⁰ «Clericis nostris, qui vigesimum attingunt numerum, confectum est compendium vel summarium fidei Catholicae, ut maius lumen legis Evangelicae ex eo acciperent, & ut gentilibus rudimenta fidei tradere, ac christianos rectius docere possent»

ARSI, JapSin 46, fl. 284. Encontra-se referido em:

https://digital-archives.sophia.ac.jp/view/kirishitan_bunko/JL-38-37-3?snd=kirishitan_bunko/02_03_03 - acesso a 22 de abril de 2023, 11 horas e 36 minutos.

⁶¹ Tradução e adaptação por Nuno Sousa.

Esta política em relação aos japoneses não se manifestava com os europeus que estudavam nos Seminários no Japão. O argumento utilizado para justificar «ordenar poucos, antes pouquíssimos»⁶² japoneses não é claro. Segundo os jesuítas deveriam ordenar-se poucos japoneses para incentivarem os restantes a estudarem e, paralelamente, alimentarem a vontade dos mesmo em serem ordenados. Esta posição, leva-nos a concluir que o interesse dos jesuítas europeus na ordenação japonesa não se centrava na preparação ou condição espiritual dos japoneses, mas constituía uma forma de manter os Irmãos japoneses a servir dentro da Companhia dando-lhes a ilusão que poderiam atingir o sacerdócio.

Esta estratégia tinha sido acordada internamente pelos jesuítas europeus no Japão, sem que os japoneses o soubessem: «Porque isto de se ordenarem pouquíssimos se guarde exactamente os padres com quem isto se consultou forão de parecer que ficasse reservado a Vossa Paternidade assy como o está o da profissam e mais grãos da Companhia».⁶³

Desta forma, quando o Superior no Japão identificasse algum Irmão japonês que estivesse apto para ser ordenado padre, seria feito um inquérito interno entre os padres que tinham sido superiores do Seminário frequentado pelo referido Irmão japonês, os quais escreveriam privadamente ao Geral da Companhia de Jesus em Roma sobre esse assunto. Após receber e ler as cartas, o Geral, deliberaria se o candidato era merecedor da ordenação ou não.

Além destes obstáculos, os jesuítas europeus também tinham acordado secretamente que nenhum japonês abaixo da idade de 40 anos seria elevado ao sacerdócio. As razões para esta decisão seriam de carácter geral e particular. Relativamente à primeira, os jesuítas europeus acreditavam que os japoneses envelheciam precocemente relativamente aos ocidentais e que 40 anos de idade corresponderia a 50 anos para um europeu, que os japoneses eram fisicamente débeis e sem energia e sem controle sobre os seus desejos («paixões»). Relativamente às razões de carácter particular, os jesuítas europeus defendiam a idade de 40 anos porque assim teriam tempo para testar a verdadeiras intenções dos candidatos; em segundo lugar porque antes dos quarenta anos eram considerados demasiado jovens; em terceiro lugar para poderem servir por mais tempo na catequização dos neófitos japoneses, uma vez que estes ministérios terminavam em grande parte com a ascensão ao sacerdócio. A quarta justificação prendia-se com a estratégia de evitar que muitos japoneses conseguissem ter acesso ao sacerdócio, já que,

⁶² ARSI, JapSin 2, fl. 149

⁶³ ARSI, JapSin 2, fl. 149

para a época, e a idade de quarenta anos era já uma idade considerada avançada e muitos japoneses, antes de atingirem essa idade, faleciam de doenças ou tornavam-se mentalmente incapazes, para o sacerdócio, enquanto outra parte abandonava a Ordem. A quinta consideração era que, apesar de os jesuítas quererem seguir o que fora ordenado por Alessandro Valignano, no entanto era preferível ir mais devagar mas com maior consistência.⁶⁴

As enformações

Para se atingir o sacerdócio, os religiosos japoneses tinham que passar por um processo complexo de seleção. O resultado desse processo seria sistematizado e compilado nas chamadas *enformações* do candidato. As *enformações* continham, em primeiro lugar, uma análise detalhada sobre o candidato em termos de comportamento sexual. Queremos com isto dizer que os superiores hierárquicos do candidato, deixariam por escrito diversas descrições analisando se o candidato tinha «procedido nem na vertude»⁶⁵, ou seja, se o candidato respeitara o voto de castidade, de forma a poder ser confiado caso ascendesse ao sacerdócio. Pretendia-se com esta verificação, que o candidato, após ter-se tornado sacerdote, não desacreditasse publicamente o bom nome da Companhia de Jesus com algum escândalo. O segundo aspeto analisado nas *enformações* era a «devoção» do candidato. Neste tema, os superiores verificavam se o indivíduo era verdadeiramente devoto, ou fingia ser devoto para obter vantagens económicas ou sociais. O terceiro aspeto analisado era o «recolhimento». O candidato deveria ser humilde e não ostensivo. Este aspeto era muito importante, para não dar uma má impressão do cargo que desempenharia. O quarto elemento verificado era se o candidato demonstrava ser obediente à Companhia de Jesus e zelar pelos seus interesses. O quinto aspeto a determinar era a relação com os irmãos e padres europeus e os japoneses. O candidato não podia manifestar animosidade em relação aos europeus e aos seus costumes e deveria sempre procurar a união. O sexto aspeto analisado seria o aspeto físico e comportamento do candidato. Este devia ser talentoso, ter uma boa presença, e saber como comunicar positivamente quer com cristãos, quer com não-cristãos. O sétimo aspeto analisado era verificar se o candidato tinha saúde e forças físicas para exercitar os ministérios do sacerdócio.

⁶⁴ ARSI, JapSin 2, fl. 149v.

⁶⁵ ARSI, JapSin 2, fl. 149v.

Os superiores hierárquicos do candidato ao realizarem os seus relatórios pessoais deviam estar todos de acordo, ou seja, se as *enformações* contivessem pareceres dissonantes e as qualidades do candidato não fossem universalmente aceites por todos os juízos, este não podia ascender ao sacerdócio.⁶⁶

5. A imprensa

A introdução da imprensa japonesa no Japão não pode ser analisada sem falarmos da primeira embaixada japonesa ao Japão ou a embaixada Tensho.

De forma resumida, a realização da embaixada Tensho à Europa foi um projeto que visava publicitar a atuação dos jesuítas no Japão e, paralelamente, angariar fundos para a subsistência e expansão da missão. Como resultado, esta embaixada tornou-se no primeiro evento diplomático que daria a conhecer o Japão à Europa.

1) Finalidade da embaixada

Como anteriormente explicitamos, existiam dois propósitos principais para a realização da embaixada. O primeiro propósito era relatar e publicitar ao Papa os resultados do trabalho missionário no Japão. Os embaixadores escolhidos para tal seriam quatro jovens de origem nobre, os quais tendo frequentando o Seminário por diversos anos e recebido uma educação jesuíta, tinham demonstrado capacidades intelectuais extraordinárias. Além destes jovens excecionais representarem a recém-fundada comunidade cristã japonesa, eram também símbolos vivos dos progressos conseguidos pela Companhia de Jesus no Oriente.

O segundo propósito, de carácter mais pragmático, era a obtenção de fundos económicos para a continuação do projeto missionário no Japão. Fundos abundantes eram necessários para que os missionários se tornassem financeiramente independentes dos mercadores de Macau e dos investimentos mercantis que necessitavam para sobreviver. Pelo que esta embaixada pretendia conseguir rendas estáveis do Papa, e do rei Filipe I de Portugal.

A compra, envio e introdução da tipografia de Gutenberg no Japão, não era um dos principais objetivos, mas foi incluída no plano como meio de unificar e expandir o cristianismo no Japão.

⁶⁶ ARSI, JapSin 2, fl. 149v.

2) Os membros da embaixada e a imprensa

Durante a preparação da embaixada pela Companhia de Jesus, Mâncio Ito, Miguel Chijiishi, Julien Nakaura e Martino Hara foram escolhidos como representantes diplomáticos. Os quatro eram os alunos principais do Seminário de Arima. No entanto, os quatro não estavam ao mesmo nível, existindo uma hierarquia interna, nomeadamente Mâncio Ito e Miguel Chijiishi eram os principais representantes, e Martim Hara e Julian Nakaura eram os vice-representantes. Esta organização seria determinada pela linhagem familiar, sendo Mâncio sobrinho de Sorin Otomo do reino de Bungo (um dos primeiros daimios japoneses a converterem-se ao cristianismo) e Miguel sobrinho dos daimios Harunobu Arima e Sumitada Omura. Apesar de terem títulos diferentes, os quatro aproveitariam ao máximo as suas capacidades intelectuais durante a jornada. Por exemplo, Mâncio usava sua memória para fazer discursos curtos, ler cartas como líder dos quatro e era conhecido por sua bela caligrafia. Martim destacava-se não apenas em japonês, mas também pela capacidade em língua latina, e de redator de discursos.

A composição da embaixada seria a seguinte: Alessandro Valignano (Itália) e seus dois secretários, Lourenço Mexia (Portugal), Diogo de Mesquita (Portugal) que atuaria também como tradutor.

Alessandro Valignano nasce em Chieti no ano de 1539 e falece em Macau a 20 de janeiro de 1606. O dia 29 de maio de 1566 marca a sua entrada na Companhia de Jesus em Roma. Estudou em Pádua onde se doutorou em direito provavelmente em 1557. Em 1571 era reitor do Colégio jesuíta de Macerata, cargo que ocupou durante um ano. A sua vida mudaria radicalmente quando em 1573, o Padre Geral da Companhia de Jesus Everardo Mercuriano (1572-1581) o nomeou Visitador da Índia e do Oriente, tornando-se no principal organizador das missões jesuítas na Ásia Oriental. A 24 de maio de 1574, Valignano parte de Lisboa com destino a Goa, onde permanecerá durante algum tempo. Parte em 1577 para Malaca, em 1578 para Macau e em 1579 chega pela primeira vez ao Japão. A sua capacidade empreendedora transformaria profundamente a missão jesuíta no Japão. É o causador da separação da Província do Japão da Província da Índia, transformando-a numa vice-província independente (1581-1582), subdividindo-a em três distritos, nomeadamente Kami, Shimo e Bungo. Em cada distrito existia um Colégio que servia como centro, a partir do qual os missionários visitavam os diversos postos da missão. Foi também ele quem organizou a primeira embaixada japonesa à Europa com o objetivo de obter maiores financiamentos para a missão japonesa. No campo científico, destaca-se a introdução da Imprensa europeia no Japão para uma maior propagação do

cristianismo no arquipélago. A imprensa japonesa produziria durante 20 anos cinquenta livros divididos em quatro tipos: devocionários para os nativos; textos escolares para os Seminários; gramáticas e dicionários. Entre as obras que deixou escritas destaca-se *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesus en las Indias Orientales*, publicada no século XX pelo grande historiador jesuíta Josef Wicki.⁶⁷ O manuscrito desta obra pode ser consultado no Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI).⁶⁸

Lourenço Mexia nasce em Évora em 1539 e falece em Macay no ano de 1599. A sua entrada para a Companhia de Jesus acontece a 25 de Março de 1560, em Coimbra. Antes de viajar para a Índia no ano de 1576, desempenhou os cargos de Reitor no colégio jesuíta de Bragança e de mestre de noviços em Lisboa. A sua chegada ao oriente, mais precisamente a Macau, é localizada no ano de 1578. No ano seguinte, na companhia do Visitador italiano Alessandro Valignano parte para o Japão, onde chega a 25 de julho de 1579. Será no porto de Kuchinotsu que iniciará a sua breve estadia na missão japonesa (três anos apenas), regressando a Macau em 1582. Nesta cidade, seria superior da residência jesuíta uma primeira vez entre janeiro de 1587 e agosto de 1588, e uma segunda vez desde novembro de 1594 a novembro de 1597. Com a saúde debilitada, falece dois anos depois.⁶⁹ Além de se interessar pela primeira embaixada japonesa ao Japão, deixa inúmeras cartas inéditas no Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI).

Diogo de Mesquita (Diogo de Misquita) nasce em Mesão Frio em 1553 e falece em Kaminoshima a 4 de novembro de 1614. Mesquita é uma das figuras mais enigmáticas da missão japonesa pois nada se conhece sobre as suas origens familiares. A informação que se conhece é essencialmente a partir da sua entrada na Companhia de Jesus, a qual ocorreu em abril de 1574, na cidade de Goa. São igualmente misteriosas as motivações para a sua partida de Goa com destino ao Japão, onde chegaria a 4 de julho de 1577, mais

⁶⁷ Alessandro Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesus en las Indias Orientales*. Ed. Josef Wicki (Roma: Institutum historicum S.I., 1944). Existe uma versão online financiada pela Princeton Theological Seminary Library:

<https://archive.org/details/historiadelprinc00vali>

⁶⁸ Sobre o autor consulte-se:

O'Neill, *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus*, 3877-3879; José Luiz Álvarez-Taladriz, «La persecución de 1587 y el Viceprovincial Gaspar Coelho, según el Visitador Alejandro Valignano», *Sapientia* 10 (1975): 95-114; José Luiz Álvarez-Taladriz, «Apuntes sobre el Cristianismo y la Esclavitud en Japon», Appendix to Alessandro Valignano, in José Luis Álvarez Taladriz (ed.), *Adiciones del sumario de Japon* (privately published, n.d.), 498-511; Alessandro Valignano, *Apologia de la Compañia de Jesus de Japon y China* (1598), ed. José Alvarez-Taladriz (Osaka: Eikodo, 1998).

Em português consulte-se:

Pedro Lage Reis Correia, *A Conceção de missionação na 'Apologia' de Valignano: estudo sobre a presença jesuíta e franciscana no Japão (1587-1597)* (Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2008).

⁶⁹ O'Neill, Domínguez, *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus*, 2645.

precisamente ao porto de Nagasáqui. Cinco anos depois, acompanharia os quatro representantes japoneses a Roma, missão que ficaria conhecida como a “Embaixada Tensho” (20 de fevereiro de 1582 a 21 de julho de 1591). De regresso ao Japão. Mesquita é nomeado Reitor do Colégio de Amakusa (1596) e do Colégio de Nagasáqui (1598). Em 1614, é um dos poucos missionário que permanece no Japão, clandestinamente, recusando partir para Macau ou para Manila.

Paralelamente ao seu trabalho missionário, destaca-se o trabalho desenvolvido na área da Medicina, fundando o Hospital de Santiago, em Nagasáqui e o seu esforço na implementação da Imprensa europeia no Japão. Durante a sua vida, também escreveria muitas cartas, a sua maioria inéditas e que podem ser consultadas no Archivum Historicum Societatis Iesu (AHSI).⁷⁰

Seguidamente a estas três figuras é possível identificar o professor de japonês Jorge de Loyola (Japão), Constantino Dourado (Japão), Agostinho (Japão) e Nuno Rodrigues (Évora, Portugal). Sabe-se também que o capitão do navio que partiu de Nagasáqui era Inácio de Lima, e que Damião de Lima (Japão) o acompanhava como seu escravo pessoal, tornando-se e, filho adotivo.

Existia também diversos funcionários, criados e escravos (é possível identificar um escravo chinês).

Deste grupo, gostaríamos de analisar a vida dos jovens japoneses Constantino Dourado, Agostinho, e Jorge de Loyola os quais estiveram diretamente envolvidos no processo de introdução imprensa de Gutenberg no Extremo-Oriente, aprendendo a arte da impressão durante a expedição.

Constantino Dourado nasceu em Isahaya, Hizen em 1567. Durante a viagem diplomática à Europa Dourado imprimiria um discurso latino de Martim Hara em Goa no ano de 1587, demonstrando ter já desenvolvido as capacidades técnicas necessárias para realizar a impressão de livros no Japão. Após o regresso da embaixada, esta figura extraordinária trabalharia com a imprensa em Macau, Katsusa e Amakusa. Paralelamente, tornar-se-ia jesuíta em 4 de outubro de 1595 e trabalharia como professor de latim em Arima. Em 1614 foi exilado para Macau, onde serviria como professor de Seminário, sendo ordenado sacerdote em janeiro de 1616. Estima-se que tenha falecido entre 1616 e 1620, já que o seu nome se encontra ausente na lista de missionários a viverem em Macau no ano de 1620.

⁷⁰ O'Neill, *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus*, 2638; Maria Antónia Espadinha e Leonor Seabra (eds.), *Missionação e Missionários na História de Macau* (Macau: Universidade de Macau, 2005).

Agostino Mizoguchi, nascido em Omura, segundo os catálogos jesuítas anuais, demonstrou desde cedo, elevadas capacidades intelectuais enquanto estudante do Seminário de Arima. Por essa razão, Alessandro Valignano atribuiu-lhe a tarefa de dominar a arte da impressão, especialmente a fundição dos tipos de metal.

O japonês Jorge Loyola nasceu em 1562 e ingressou oficialmente na Companhia de Jesus aos 18 anos. Devido às suas capacidades intelectuais, foi-lhe atribuída a função de tradução de *De Missione Legatorum Iaponensium* de Duarte de Sande em Macau, mas faleceu no ano seguinte, em 1589, e a versão japonesa nunca foi realizada.

Para terminar, gostaríamos de mencionar a relação entre Martinho Hara, um dos embaixadores. Depois de regressar ao Japão, Hara foi enviado para o noviciado em Amakusa. A sua habilidade em latim era tal que ele mesmo ensinou esta língua no Seminário. Admitido oficialmente pela Companhia de Jesus no ano de 1593, Hara viajaria para o Colégio de Macau, onde continuaria os estudos mais elevados. Em 1608, torna-se padre em Nagasaki e, quando foi exilado para Macau em 1614, trabalhou na impressão de livros japoneses. Faleceria nesta cidade no ano de 1629.

Tabela 1
Itinerário da embaixada:⁷¹

Ano	Data	Partida	Chegada
1582		Nagasáqui	
	9 de março		Macau
1583	27 de janeiro		Malaca
	abril		Cochin
	novembro		Goa
1584	Janeiro		Cochim
	20 de fevereiro	Cochim	
	10 de maio		Cabo da Boa Esperança
	29 de maio		Ilha de Santa Helena

⁷¹ Duarte de Sande, S.J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. (Macau: Fundação Oriente, 1997); Johannes Laures, S.J., *A Manual of Books and Documents on the Early Christian Mission in Japan*. (Tokyo: Sophia University, 1957); Josef Franz Schutte, S.J., *Monumenta Historica Japoniae I.* (Rome: A Patribus Eiusdem Societatis Edita, 1975); Abranches Pinto, Yoshitomo Okamoto, and Henri Bernard S.J., *La Première Ambassade du Japon en Europe 1582–1592* (Tokyo: Sophia University, 1942).

	11 de agosto		Lisboa
	5 de setembro		Madrid
	19 de outubro	Toledo	
	20 de outubro		Madrid
1585	19 de janeiro	Alicante	
	19 de fevereiro	Maiorca	
	1 de março		Livorno
	13 de março	Siena	
	22 de março		Roma
	2 de junho	Roma	
1586	13 de abril	Lisboa	
1587	29 de maio		Goa
1590			Japão

a. A aprendizagem da tecnologia da impressão

Relativamente à aprendizagem da tecnologia de impressão na Europa por parte dos membros da embaixada japonesa, existem poucas informações. Sabemos que, no ano de 1586, em Lisboa, seria publicado o Catecismo do Japão. Este livro é composto por dois volumes, cada um impresso por diferentes casas editoriais. Os impressores são Mestre Ribeiro e Mestre Lyra, editores oficiais do Arcebispado de Lisboa. Especula-se que os participantes da embaixada japonesa Dourado, Loyola e Agostinho teriam sido enviados para as oficinas destes dois mestres para aprenderem as complexas técnicas de impressão. Só assim se explica a publicação das duas variantes do Catecismo do Japão. Contudo, infelizmente, até ao momento não foi encontrada documentação que comprove com exatidão esta ideia. Paralelamente, não está claro se estes três japoneses atuaram de forma coordenada com os quatro embaixadores, ou separadamente. No entanto, algo que é bastante claro é o fato de a aprendizagem da impressão e aspetos importantes como a fabricação dos tipos não podiam ser aprendidas num curto período.

Outro aspeto que nos parece importante salientar neste âmbito é que, no Estado Português na Índia, mais precisamente em Goa, João Nunes Barreto, bispo da Etiópia, e João Rodrigues, jesuíta, ensinaram a arte da impressão durante 21 anos. A 29 de maio de 1587, um deles, João Rodrigues, teria ensinado as técnicas de impressão ao italiano

Giovanni Battista Pesce durante a sua estada de oito meses em Goa. O japonês Dourado também estudaria a fundição de tipos na Índia antes de retornar com os restantes membros da embaixada ao Japão. Pesce também retornaria ao Japão, o qual, com um irmão japonês de nome Pedro se dedicaram à impressão no ano 1592. Apesar de não existir um estudo profundo sobre a identidade dos japoneses que trabalhavam na missão japonesa, pensamos que este irmão Pedro será Pedro Miguel Ichiku.

A implantação e realização do trabalho da imprensa no Japão foi extremamente difícil, sendo forçada a deslocar-se dentro do país várias vezes, desde 1590 quando foi trazida da Europa Ocidental, até ser transferida para Macau, em 1614, devido ao Édito anti-cristão.

Capítulo 3 - Oposição dos jesuítas europeus à criação de um clero japonês

Relativamente à oposição dos jesuítas europeus à criação de um clero japonês, gostaríamos aqui de analisar a carta secreta enviada para Roma, desde Arima, datada de 25 de fevereiro de 1612.⁷² Esta carta é anónima e seria catalogada no *Archivum Romanum Societatis Iesu*, da seguinte forma: *Admissio Giapponese in Compagnia 1612*. Após um estudo caligráfico, chegou-se à conclusão de que a sua autoria pertencia ao português Mateus de Couros.⁷³

Esta figura singular nasce em Lisboa em 1568 e falecerá em Fushimi a 29 de outubro de 1633. O dia 22 de dezembro de 1583 marca a sua entrada na Companhia de Jesus em Coimbra. Com apenas 18 anos, acabado de finalizar o noviciado, Couros partirá para a Índia, prosseguindo os seus estudos sacerdotais na cidade de Goa e em Macau, completando os estudos em Nagasáqui. O ano de 1590 assinala a sua chegada ao Japão, onde viverá durante quarenta e três anos.⁷⁴ Além de ser um dos raros missionários europeus fluentes em língua japonesa, é igualmente conhecedor exímio da cultura japonesa, conseguindo viver em clandestinidade no Japão durante quase duas décadas. Relativamente aos seus cargos que desempenhou ao serviço da missão japonesa, são de salientar a posição de reitor do colégio jesuíta em Shiki, Superior das ilhas de Amakusa, professor de japonês para os missionários europeus, professor de Teologia em Nagasáqui, reitor do Seminário jesuíta de Arima (1607-1612), Seminário que, devido às perseguições religiosas, seria transferido para Nagasáqui (1613-1614). Após a expulsão dos jesuítas do Japão, viaja doente para Macau, onde permanecerá camado durante alguns meses. Recuperando a saúde, regressa incógnito ao Japão onde trabalhará para a missão japonesa correndo risco de vida. Acaba por morrer sem ser descoberto, acolhido por um leproso.⁷⁵ Ao investigarmos o conteúdo desta carta catalogada *Admissio Giapponese in Compagnia 1612*, apesar de ser da autoria de Mateus de Couros, a mesma parece congregar não

⁷² ARSI, JapSin 2, fl. 168.

⁷³ Ao estudarmos várias cartas autógrafas de jesuítas que escreveram para a Europa, descobrimos que a caligrafia de Mateus de Couros era idêntica, como se pode verificar claramente se compararmos o *Admissio Giapponese in Compagnia 1612* com um outro relatório feito na mesma época denominado *Papéis sobre o cativeiro dos Japões. 1º assento que o Bispo e procuradores de Japão festerão em setembro de 1598 sobre a liberdade dos Japões, e Coreas*

RAH, Cortes 566, Maço 21, Papéis sobre o cativeiro dos Japões. 1º assento que o Bispo e procuradores de Japão festerão em setembro de 1598 sobre a liberdade dos Japões, e Coreas, fol. 273.

⁷⁴ Excetuando duas curtas estadias de março a agosto de 1596 e 161 e de 1614 a 1615, ambas em Macau.

⁷⁵ Para mais informações sobre esta figura veja-se:

O'Neill, *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus*, 987-988; Espadinha e Seabra (eds.), *Missionação e Missionários na História de Macau*.

apenas as suas opiniões pessoais relativamente à admissão de japoneses como sacerdotes, mas também de uma ala mais conservadora da Companhia de Jesus, claramente oposta à abertura do sacerdócio aos japoneses. Um dos aspetos particularmente notáveis desta carta é que contém todas as opiniões justificadas com exemplos práticos. A sua construção e organização argumentativa é semelhante a outro documento produzido alguns anos antes que pode ser lido na Real Academia de História, em Madrid, o qual havia sido redigido por Mateus de Couros, na qualidade de secretário do Bispo do Japão, Luís Cerqueira.⁷⁶ Outros dos aspetos que convém salientar, é o fato deste documento sobre o sacerdócio ter sido redigido de forma ordenada, e sem quaisquer erros ortográficos, o que demonstra ter existido um rascunho anterior. Vejamos agora o conteúdo do mesmo.

1. Mentalidade de Guerra

Segundo os jesuítas europeus, a sociedade japonesa era extremamente violenta e inclinada a cometer atrocidades com naturalidade.⁷⁷ Esta característica social, aparentemente comum, estava diretamente ligada ao contexto político japonês. A chegada da Companhia de Jesus ao Japão, coincidiria com uma profunda guerra civil, a qual culminaria com a unificação do arquipélago sob a égide do governante Toyotomi Hideyoshi (1537-98).

Para ilustrar a violência social, o relatório apresenta diversos exemplos. O primeiro exemplo é o costume dos dáimios locais matarem pessoalmente os delinquentes de forma violenta e cruel, cortando-os em postas. Uma das figuras que personificam este tipo de crueldade seria o dáimio de Hiroshima, o qual se vangloriava de ter assassinado com as próprias mãos mil indivíduos e que, antes de morrer, esperava matar outros mil.⁷⁸ Estes senhores também tinham o hábito de enviarem os delinquentes para casa dos seus amigos, como oferendas, para que estes experimentassem neles a eficiência das espadas. Este tipo de oferendas era comum e socialmente bem aceite. Outro exemplo apresentado, seria retirado da experiência de vida do próprio redator. Este, quando visitava territórios não-cristãos, encontrava pelos caminhos corpos de pessoas pobres falecidas, as quais eram tão pobres que nem direito tinham a sepultura. Estes corpos serviam para os

⁷⁶ RAH, Cortes 566, Maço 21, *Papéis sobre o cativoiro dos Japões. 1º assento que o Bispo e procuradores de Japão festerão em setembro de 1598 sobre a liberdade dos Japões, e Coreas*, fol. 273.

⁷⁷ *E huã das mayores recreações que há pera elles he matar ou ver matar homens* ARSI, JapSin 2, fl. 160.

⁷⁸ ARSI, JapSin 2, fl. 160.

passantes adultos e crianças testarem neles a qualidade das espadas. Este hábito estendia-se inclusive aos meninos do Seminário, os quais criavam pequenos corpos em cera e, logo em seguida, como divertimento, os talhavam com os seus canivetes. Também era frequente os pais fazerem os filhos assistirem a execuções com a intenção de estes perderem o medo da morte.⁷⁹ Segundo o relatório, as relações filiais no Japão eram muito diferentes das europeias, sendo comum os filhos matarem os pais e vice-versa.⁸⁰ A prática generalizada do aborto e do suicídio, também eram dois costumes que chocavam os jesuítas, os quais eram práticas contrárias aos princípios cristãos de que apenas Deus podia dar e tirar a vida ao ser humano.⁸¹

Todos estes traços culturais combinados levavam os jesuítas a defender que a sociedade japonesa cultivava o espírito de crueldade, o que se comprovava no facto da maioria dos japoneses não demonstrar compaixão pelo próximo e sentirem satisfação perante a agonia e dores da morte dos seus compatriotas. Como dentro da Companhia de Jesus se fomentava entre os padres europeus uma natureza compassiva, assente nos princípios da caridade, da união e do auxílio às necessidades do próximo, estes acreditavam que os japoneses não estavam preparados para o sacerdócio.⁸²

2. Sexualidade

Segundo o relatório, os japoneses, quando comparados fisicamente com os europeus, não possuíam a energia necessária que requeria o instituto do sacerdócio, em particular para o exercício das virtudes a que as regras do sacerdócio obrigavam. Relativamente à falta de vigor físico, esta era atribuída à dieta alimentar japonesa, a qual era considerada inadequada para quem despendia esforço físico:

E serem os Japões desta fraca compreição, se prova dos comerem com que servido, que são os mais leves que vimos usar a nenhuã das nações que conhecemos. Donde naçe que

⁷⁹ ARSI, JapSin 2, fls. 160-160v.

⁸⁰ *E isto se enverga até entre Pays e filhos e com muita facilidade o filho mata ao Pay, se o Tono lho mandar como fez Dom Paulo Xingadono tão nomeado nas annuas antigas. E os Pais também matão os filhos como estando eu em Hiroxima fez Fucuximadono ao seu Morgado. He mui ordinário matarem as Mãys as crianças em nacendo pondo-lhe o pe no pescoço, ou esmagandoas. E nem dentre as mesmas cristãs podemos desterrar este diabólico costume: de alguã sei que matou mais de doze filhos, huns em nacendo, e outro abortando com certa erva que ca há.*

ARSI, JapSin 2, fl. 160v.

⁸¹ *O matarse assi mesmos o tem por valentia: e isto o fazem frequentemente.*

ARSI, JapSin 2, fl. 160v.

⁸² ARSI, JapSin 2, fl. 160v.

ainda que não tenham ordinariamente aquellas visas doenças que vemos nos de Europa, todavia a cada passo adoeçam⁸³

Outro dos aspetos criticados, era a apetência japonesa para os remédios. Segundo os europeus, devido à fraca compleição física resultante da dieta alimentar, os japoneses adoeciam com grande frequência, pelo que, para o evitarem tomavam muitos remédios de prevenção, ou que eles soubessem ter alguma virtude medicinal. Para os jesuítas europeus, esse comportamento era difícil de compreender, uma vez que apenas tomavam remédios quando estavam doentes e nunca para prevenirem as doenças:

E porque Vossa Paternidade saiba a quanto esta inclinação nelles chega, trerei hum breve exemplo. Tem os Japões a víbora por grande remedio para certas doenças. Indo huã vez a folgar os Mininos do Seminario a hum lugar de recreação, alguns deles acherão e matarão huã; e logo ahi a esfolarão. E assi corta em talhadas a comerão estandolhe ainda palpitando entre os dentes. E da mesma maneira comem quaisquer outras immundícias por nojentas que seião (...) este cõceito de os Japões por serem fracos de compreição não poderem na guarda de nosso instituto igualarse aos de Europa, não somente he universal entre todos os padres europeus, que cá estamos, mas ainda elles próprios o confissão.⁸⁴

Além disso, os japoneses também eram comumente vistos como inadequados na *cultivação das almas*, ou seja na conversão e manutenção do cristianismo dos neófitos, por serem incapazes de serem zelosos na mesma ou de darem o exemplo a seguir. Os japoneses eram acusados de não servirem na própria perfeição, personificando cristãos exemplares, mas utilizarem essa oportunidade para a utilizarem em proveito próprio.⁸⁵

Para solidificar este ponto de vista, de que os japoneses não eram tão aptos para serem admitidos no sacerdócio, o autor do relatório utiliza o exemplo de uma conversa tida com um sacerdote japonês que havia confirmado que não se podia esperar dos sacerdotes japoneses o mesmo dos sacerdotes europeus, por serem culturalmente muito diferentes:

⁸³ ARSI, JapSin 2, fl. 159.

⁸⁴ ARSI, JapSin 2, fl. 159.

⁸⁵ e com o diligente cuidado de não deservir na própria perfeição, antes de crescer nella conforme a obrigação do estado religioso.
 ARSI, JapSin 2, fl. 159.

Lambrame que hum deles que agora he sacerdote, me disse que se os Superiores esperavão dos Irmãos Japões que na guarda de nosso Instituto procedessem como os de Europa, que melhor era não receber japões na Companhia ia que não tinham compreição, nem forças pera isso.⁸⁶

Segundo o relatório, as razões para esse padrão de comportamento tão diferente dos europeus, tinham a sua origem no sistema educativo japonês. Do ponto de vista dos jesuítas europeus, para um indivíduo se tornar um adulto apto para entrar na Companhia de Jesus tinha de ser educado desde criança no exercício das virtudes morais e nos ministérios da religião. No caso específico japonês, as crianças não recebiam esse tipo de ensinamentos, bem pelo contrário, eram educados em liberdade, *de rédea solta os deixão seguir os appetites da natureza*,⁸⁷ sem serem doutrinados nas virtudes morais, nem repreendidos ou castigados pelos progenitores. Outra das grandes críticas eram os lugares de ensino no Japão. Comummente, as crianças de famílias importantes, aprendiam a escrever e a ler e as etiquetas sociais nos mosteiros budistas. Estes, além de centros religiosos, eram também centros de educação. Segundo os jesuítas, nestes lugares cometiam-se *gravíssimas abominações*, um eufemismo para as práticas homossexuais. Os estudantes provenientes destes lugares, depois de serem convertidos ao cristianismo e batizados, tinham dificuldade em alterar estes hábitos sexuais: «E ainda depois de receber o Santo Bautismo pera chegar ao estado de qualquer bom Christão de Europa, tem muito que desbastar, e reformar: como armara pera professar hum instituto tão alto tão alto e de tanta perfeição como he o da Companhia de IESU?»⁸⁸

Por esta razão, os jesuítas europeus vigiavam constantemente os *dojukus* japoneses, assim como serviçais/escravos que possuíam para evitar que o pecado da sodomia fosse cometido nas habitações da Companhia de Jesus no Japão.⁸⁹

3. Falta de Motivação

Outro dos aspetos criticados era a volubilidade de personalidade, o que tornava os japoneses, aos olhos dos europeus, pouco confiáveis. Esta volubilidade era justificada pelo próprio clima do Japão, cuja inconstância surpreendia os jesuítas:

⁸⁶ ARSI, JapSin 2, fl. 159.

⁸⁷ ARSI, JapSin 2, fl. 159.

⁸⁸ ARSI, JapSin 2, fl. 159v.

⁸⁹ ARSI, JapSin 2, fl. 161.

A primeira falta natural que podemos notar nesta nação, hé sua grande inconstância: a qual posto que o outro dizia que era comum aos Insulanos: todavia aqui parece que reyna mais que em muitas outras partes. Porque ate os tempos são tão vários, que por mais clara e serena que a menha se veja, não nos podemos prometer tarde⁹⁰

Outra característica apontada que justificava a falta de motivação e consistência religiosa dos japoneses era a sua inclinação natural para as novidades. Essa atração para tudo o que era novo, fazia com que rapidamente perdessem o interesse em seguirem com constância os princípios religiosos do cristianismo. Esta inclinação comum, segundo os jesuítas europeus, também estava na origem das guerras pluriseculares que devastavam o Japão:

Por mais que appeteção huã cousa, depois de possuída, logo della se emfadaão: tudo o que he continuado os emfastia (...) Esta mesma inconstância mostrão em receber e deixar nossa Santa Ley.⁹¹

Após esta consideração, para a mesma ser fundamentada, o redator deste relatório, Mateus de Couros, apresenta uma justificação baseada na sua experiência de missionário no Japão:

De sorte que creyo, polla experiencia que tenho de perto de 22 anos que ca estou, que dos que se fizeram cristãos iá adultos, mais são os que arrenegarão que os que perseverarão na Fé.⁹²

Segundo os jesuítas, além da falta motivação dos japoneses para preservarem e seguirem os princípios regentes da nova religião, somava-se a impetuosidade, a incapacidade de enfrentarem os obstáculos, amigos de prazeres terrenos e a preguiça.

Relativamente à impetuosidade, os japoneses eram caracterizados por iniciarem os confrontos com grande energia, mas rapidamente desistiam, perdendo o ânimo. Já sobre a incapacidade de enfrentarem os obstáculos, essa tendência geral era identificada em muitos aspetos da vida social, principalmente nas atividades militares, onde geralmente os ataques eram de curta duração e a resistência diminuta. A argumentação encontrada para justificar o terceiro ponto, o dos japoneses serem amigos de prazeres

⁹⁰ ARSI, JapSin 2, fl. 159v.

⁹¹ ARSI, JapSin 2, fl. 159v.

⁹² ARSI, JapSin 2, fl. 159v.

terrenos, assentava no gosto nipónico pelas comidas, bebidas e convites para festas, e aversão a tudo aquilo que estivesse relacionado com moderação e disciplina. Quanto ao derradeiro ponto, a preguiça, apesar do relatório não apresentar qualquer justificação ilustrativa, no relatório os japoneses são caracterizados como sendo *ordinariamente preguiçosos*⁹³ e por isso inaptos para professarem o instituto do sacerdócio.

A todas estas acusações, acrescia ainda um outro defeito considerado universal na sociedade japonesa:⁹⁴ o vício da mentira. O relatório acusa os japoneses de *sumo grão mentirosos, refalsados e inclinados a enganar, o saber mentir a seus tempos, e a fingirem quando lhes parece necessário*.⁹⁵ Os jesuítas acreditavam que os japoneses não entendiam a prática social da mentira como algo negativo⁹⁶ e que os próprios Irmãos japoneses, muitas vezes mentiam aos padres europeus. Este ponto era considerado muito importante, já que um futuro sacerdote não podia mentir. Vejamos a crítica:

Alguns deles dizem que o Japão tem três corações: hum que comunica a todos: outro que descobre somente aos íntimos amigos: o terceiro que guarda só pera sy, sem outra viva creatura o saber. (...) os Japões com o Leite mamão o fingimento e dissimulação.⁹⁷

⁹³ ARSI, JapSin 2, fl. 159v.

⁹⁴ *que parece que trazem ia do ventre da Mãe*

ARSI, JapSin 2, fl. 159v.

⁹⁵ ARSI, JapSin 2, fls. 159v-160.

⁹⁶ *Desonhra*

ARSI, JapSin 2, fl. 160.

⁹⁷ ARSI, JapSin 2, fl. 160.

4. Ambição

Segundo o relatório, a principal razão que levava japoneses adultos, ou os pais japoneses a entregarem os seus filhos para servirem como *dojukus* na Companhia de Jesus era a pobreza e não a vocação.⁹⁸ Por esse motivo, ao serem recebidos pelos jesuítas, utilizavam a Companhia como meio de enriquecimento individual e não para serem *servos da Religião*.⁹⁹ Estes *dojukus* quando eram elevados à categoria de *Irmãos*, procurando o próprio benefício, causavam problemas dentro da ordem religiosa. Por exemplo, segundo o relatório, durante as perseguições, muitos *Irmãos* japoneses recusavam-se a trocar as roupas de seda, por um tipo de vestimenta mais modesta e que não chamava a atenção.¹⁰⁰ Em 1609, na cidade de Quioto, onde a Companhia de Jesus tinha uma importante residência, vivia um Irmão japonês de nome Vicente Soin. Este *Irmão* nasceria em 1540, no então reino de Vacasa, e era filho de um dos principais cristãos. No ano de 1580, já adulto, fora admitido na Companhia de Jesus, tendo-se tornado num dos principais pregadores da missão. Paralelamente, devido ao seu elevado conhecimento linguístico elaboraria as traduções dos principais livros cristãos para língua japonesa.¹⁰¹ Na última etapa da sua vida, exerceria a função de médico entre os cristãos japoneses tornando-se famoso. Recebendo pelos seus serviços muito dinheiro e tecidos, através da sua rede de contatos, dedicava-se secretamente ao comércio reunindo uma pequena fortuna. Adoecendo gravemente, revelou ao seu Superior o que fazia entregando dois mil cruzados em sedas e prata à Companhia de Jesus. Recuperando da doença, continuaria a praticar comércio, não revelando o paradeiro dos seus investimentos. Falecendo inesperadamente, esses investimentos nunca seriam descobertos nem recuperados.¹⁰² Outro exemplo famoso seria o do *Irmão* japonês Simão, natural do reino de Figen, onde nascera em 1560. Simão estudaria gramática na Companhia de Jesus e trabalharia posteriormente como catequista.¹⁰³ Paralelamente, também se dedicava secretamente ao comércio. Desconhecemos as razões que o impulsionariam a sair da ordem, mas ao fazê-lo, levou todo o dinheiro, mercadorias, assim como as alfaias religiosas que se encontravam na casa onde residia.¹⁰⁴

⁹⁸ ARSI, JapSin 2, fl. 162v.

⁹⁹ ARSI, JapSin 2, fl. 163.

¹⁰⁰ ARSI, JapSin 2, fl. 163.

¹⁰¹ ARSI, JapSin 25, fl. 37.

¹⁰² ARSI, JapSin 2, fl. 163.

¹⁰³ ARSI, JapSin 25, fl. 13v.

¹⁰⁴ ARSI, JapSin 2, fl. 163.

5. Razões a favor da admissão de japoneses no sacerdócio

A principal razão para admissão de japoneses no sacerdócio era a necessidade que a Companhia de Jesus tinha de japoneses para pregarem o evangelho na língua nativa. Já para a catequização dos não-cristãos ou recém-convertidos, os Irmãos japoneses não eram necessários pois esta tarefa era atribuída aos *dojukus* japoneses. A importância dos Irmãos japoneses na pregação japonesa derivava, segundo o relatório secreto, das limitações linguísticas dos padres europeus, os quais tinham grande dificuldade em pregar e precisavam dos japoneses. Esta tarefa da pregação também não podia ser atribuída aos *dojukus* pois, formalmente, não pertenciam à Companhia de Jesus.¹⁰⁵

Inicialmente, quando os religiosos europeus tinham entrado em contato com a cultura japonesa, a inexistência de Irmãos japoneses para os auxiliarem nas pregações obrigava-os a estudar e a praticar japonês constantemente, enquanto nos finais do século XVI e início do século XVII, a tarefa da pregação era delegada aos Irmãos. Esta forma organizativa da Companhia de Jesus contrastava com as outras ordens religiosas europeias estabelecidas no Japão. Os franciscanos, por exemplo, apesar de terem chegado recentemente ao arquipélago, não permitiam que os Irmãos ou *dojukus* japoneses pregassem nas igrejas, sendo apenas os padres quem pregavam e confessavam nas igrejas.¹⁰⁶

Além do aspeto linguístico previamente analisado, outro dos pontos fundamentais que contribuíam para a admissão de japoneses no sacerdócio era a diplomacia. As negociações necessárias com a elite japonesa (os Tonos que governavam as distintas regiões onde os religiosos queriam estabelecer residências e núcleos de evangelização) requeriam um conhecimento profundo da cultura japonesa. Além da componente linguística, a etiqueta japonesa era extremamente complexa para os europeus, pelo que necessitavam do auxílio dos nativos. Contudo, como a sociedade japonesa era extremamente hierárquica, os japoneses que tinham um estatuto menor do que os padres, principalmente os *dojukus*, quando auxiliavam nas negociações eram tratados com pouco respeito. Na eventualidade das negociações serem realizadas por padres japoneses como representantes da Companhia de Jesus, o processo de evangelização realizar-se-ia mais rapidamente.¹⁰⁷

¹⁰⁵ ARSI, JapSin 2, fl. 166v.

¹⁰⁶ ARSI, JapSin 2, fl. 167.

¹⁰⁷ ARSI, JapSin 2, fls. 167-167v.

6.A Ordenação de Japoneses

Apesar da grande maioria dos religiosos europeus estarem contra a ordenação japonesa, o bispo do Japão Dom Luís Cerqueira seria contrário a esta posição abrindo caminho para a criação de um sacerdócio nativo. Antes de passarmos à explicitação deste processo, gostaríamos de, em traços sucintos, apresentar alguns elementos biográficos. Cerqueira nasce em Alvito no ano de 1551 e falece em Nagasáqui a 16 de fevereiro de 1614. O dia de 14 de julho de 1566 marca a sua entrada na Companhia de Jesus em Évora. Seria nesta mesma cidade que receberá a sua formação académica, adquirindo o grau de doutor em Teologia no ano de 1575. Pouco depois, partirá para Roma, onde trabalhará no secretariado da Companhia de Jesus até ao ano de 1577. De retorno a Portugal, nos anos seguintes será professor das universidades de Évora e Coimbra onde ensinará as cadeiras de Filosofia e Teologia. Interrompe temporariamente a profissão de professor para trabalhar com o Provincial de Portugal entre 1586 e 1589. Em 1592, é eleito por Filipe I de Portugal Bispo auxiliar de Funai. A 30 de março de 1594, partirá para a Índia, chegando a Nagasáqui em 5 de agosto de 1598, permanecendo no Japão até à data da sua morte.¹⁰⁸ Foi uma figura carismática da missão, contribuindo, entre outras coisas para o fim da escravatura de japoneses e coreanos no império Habsburgo.¹⁰⁹ Uma faceta menos conhecida de Cerqueira é a de escritor. No Japão, publicou em 1603 o compendio de penitência denominado *Contrição no Ryaku*, em caracteres latinos e, em 1605, publicou

¹⁰⁸ Sobre esta figura veja-se:

Inácia Rumiko Kataoka, *A vida e a ação pastoral de D. Luís Cerqueira S.J., Bispo do Japão (1598–1614)* (Macao: Instituto Cultural de Macau, 1997); João Paulo Oliveira e Costa, “O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís de Cerqueira,” *Doutoramento*, Universidade Nova de Lisboa, 1998; O’Neill, *Diccionario*, 736-737.

¹⁰⁹ Apesar de não termos muitas informações documentais, a escravatura de japoneses parece ter sido um fenómeno comum durante a segunda metade do século XVI. Nesta época, é possível identificar japoneses a viver nas colónias portuguesas e espanholas na Índia e América e até em cidades europeias como Lisboa. A primeira descrição que encontramos da entrada de escravos japoneses em Portugal é da autoria do mercador florentino Filippo Sassetti (1540-1588). Este mercador viveria na capital portuguesa entre 1578 e 1583, envolvendo-se no trato da pimenta, viajando posteriormente para o Brasil e Índia. É Sassetti quem, numa carta redigida para o também comerciante Baccio Valori, datada de 10 de outubro de 1579, nos deixa as seguintes palavras:

Di altri luoghi ci vengono li Giapini (Giaponi), gente olivastra e che esercitano qui ogni arte con buon intendimento; piccol viso, e nel resto di statura ragionevole. I Chini (Cinesi) sono uomini di grande intelletto, e parimente esercitano tutte le arti, e sopra tutto imparano maravigliosamente la cucina.

Filippo Sassetti, *Lettere Edite E Inedite: Raccolte E Annotate Da Ettore Marcucci* (Firenze: Accademia della Crusca, 1855), 125–26.

Tradução portuguesa de Nuno Sousa:

De outros lugares, chegam os japoneses, pessoas de pele de cor de azeitona, e que aqui [em Lisboa] praticam todos os ofícios com grande competência; o rosto é pequeno e de estatura média. Os chineses são homens de grande intelecto, e também realizam todos os ofícios e, acima de tudo aprendem a cozinhar maravilhosamente.

na tipografia de Nagasáqui o *Manuale ad Sacramenta Ecclesiae ministranda*, também em latim, mas com um apêndice em japonês.¹¹⁰

Após a chegada ao Japão e o seu estabelecimento em Nagasáqui, o bispo Dom Luís Cerqueira decide preparar diversos japoneses para o sacerdócio. É muito provável que esta preparação tenha sido auxiliada por algumas figuras jesuítas centrais da Companhia de Jesus no Japão, como o padre Francisco Calderon, reitor do Seminário de Arima e, a partir de 1613, do colégio de Nagasáqui;¹¹¹ ou pelo padre Organtino Gneccchi-Soldo, coordenador da edificação da igreja católica de Quioto, o qual se estabeleceria a partir de 1605 em Nagasáqui.¹¹²

¹¹⁰ Sobre esta figura veja-se:

Inácia Rumiko Kataoka, *A vida e a ação pastoral de D. Luís Cerqueira S.J., Bispo do Japão (1598–1614)* (Macao: Instituto Cultural de Macau, 1997); João Paulo Oliveira e Costa, “O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís de Cerqueira,” Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 1998; O’Neill, *Diccionario*, 736-737.

¹¹¹ Francisco Calderon nasce em Soria no ano de 1555 e falece em Manila a 4 de dezembro de 1618. O dia 7 de dezembro de 1569 marca a sua entrada na Companhia de Jesus em Alcalá de Henares. Calderon estudaria em Plasencia e obteria em Alcalá de Henares a licenciatura em Filosofia. Em 1583 é selecionado para a missão japonesa, aonde chegará em 1585. Entre as diversas contribuições para a missão, destacam-se o posto de reitor do Seminário de Arima de 1596 a 1610, e reitor do colégio de Nagasáqui em 1613. Devido à expulsão dos jesuítas do Japão, parte em novembro de 1614 para a cidade de Manila onde se dedica à comunidade cristã japonesa residente no bairro de San Miguel. Em 1618 é nomeado Visitador dela província filipina, cargo que ocuparia durante alguns meses até ao seu falecimento. Calderon deixou algumas cartas escritas que se encontram no ARSI (Archivum Romanum Societatis Iesu) em Roma e no AHN (Archivo Histórico Nacional) em Madrid, deixou escrito uma pequena obra intitulada “Práticas para nuestros sacerdotes confisores.”

Mais detalhes sobre a sua vida podem ser encontrados:

Mais detalhes sobre a sua vida podem ser encontrados em: O’Neill, *Diccionario*, 600-601.

Existem também as suas cartas em Roma: ARSI, JapSin, 10-1, Carta de 7 de setembro de 1589, fol.132; 10-2, Carta de 7 de outubro de 1587, fol. 277 e carta de 1 de fevereiro de 1588; 11-1, duas cartas datadas de 22 de setembro de 1586, fols. 153 e 156; 11-2, duas cartas datadas de 29 de setembro de 1592, fls. 307 e 309; 15-i, carta datada de 4 de março de 1612, fol.132; 16-ii, duas cartas datadas de 20 de março de 1614. A obra “Práticas para nuestros sacerdotes confisores.” Encontra-se em: AHN (Archivo Historico Nacional, Madrid), Jesuítas, 891.

¹¹² Organtino Gneccchi-Soldo nasce em Casto Val Sabbia em 1533 e falece em Nagasáqui a 22 de abril de 1609. Em dezembro de 1556, Gneccchi-Soldo entra para a Companhia de Jesus em Ferrara, onde estudou até o início de 1559. Seguidamente, prosseguiu os estudos em Filosofia e Teologia no Colegio Romano de Frascati. Anos mais tarde, nessa mesma instituição, desempenharia o cargo de ministro (1564). No ano seguinte, torna-se Reitor do Colégio de Loreto, lugar que ocupará até ser nomeado pelo Padre Geral Francisco de Borja y Aragón para a missão jesuíta do Extremo-Oriente (1566). Partindo para Lisboa, Gneccchi-Soldo viajará para a Índia em março de 1567. A sua chegada a Macau acontecerá apenas em 23 de agosto de 1569 e a sua entrada no Japão a 18 de junho/julho de 1569. O seu trabalho apostólico centrar-se-á essencialmente na região de Meaco, atual Quioto, antiga capital política do arquipélago japonês, onde viverá mais de trinta anos. É ele quem coordena a edificação da Igreja católica de Quioto (1575), que se tornará um símbolo do cristianismo do Japão até 1587, ano da sua destruição pelo governante japonês Toyotomi Hideyoshi. Durante as perseguições ao cristianismo do final do século XVI, consegue permanecer na região e coordenar habilmente a missão jesuíta. Em 1605, já com a saúde muito debilitada, desloca-se para a cidade de Nagasáqui, onde viverá até à altura da sua morte.

Hubert Cieslik, *Soldo Organtino: The Architect of the Japanese Mission* (Tokyo: Sophia University, 2005); O’Neill, *Diccionario*, 1744.

Alguns dos melhores alunos começam então a ter uma preparação com o próprio bispo para ascenderem ao sacerdócio. O resultado do primeiro grupo acontece no ano de 1601 quando os alunos Sebastião Kimura e Luís Niabara se tornam nos primeiros sacerdotes japoneses da Companhia de Jesus. Em 1606, o bispo começa a preparar para o sacerdócio mais quatro estudantes, Mâncio, Martinho, Julião e Antão, três dos quais se tornarão padres dois anos depois, em 1608. O aluno Jehimada/Ichimada Antão é o único que não será ordenado. A estes japoneses seguem-se os alunos António e Tomás, ordenados em 1610 e Mâncio, ordenado em 1613. Após a morte do Bispo Dom Luís Cerqueira no ano de 1614 e a expulsão definitiva de todas as ordens religiosas do Japão (1614), já na clandestinidade, são admitidos mais 14 sacerdotes japoneses na Companhia de Jesus.¹¹³

Tabela 2

Japoneses ordenados dentro da Companhia de Jesus¹¹⁴

Nome	Data de Nascimento	Entrada na Companhia de Jesus	Ordenação
1 Sebastião	1565	1584	1601
2 Luís	1564	1586	1601
3 Mâncio	1570?	1591	1608
4 Martinho	1568?	1591	1608
5 Julião	1570?	1591	1608
6 António	1570	1589	1610?
7 Tomás	1572?	1589	1610?
8 Mâncio	1573?	October 1595	1613
9 Martinho	1576?	October 1595	1615
10 Constantino Dourado	1566?	October 1595	1616
11 Sixto	1570?	1589	1616
12 Diogo	1574/75?	October 1595	July 1615?
13 Pedro Casui	1587	November 1620	November 1620
14 Miguel	1578	1607	1623

¹¹³ Lúcio de Sousa, *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves* (Leiden, Nld.: Brill, 2018), pp. 353-356, 382.

¹¹⁴ Sousa, *The Portuguese Slave Trade*, 382.

15 Miguel	1581?	December 1607	1624
16 Mathias	1581?	1607	1624/25?
17 Justo	1567?	January 1590	1624
18 Paulo	1576	February 1607	1624
19 Miguel Minoyo	1591?	October 1621	1626
20 Mancio	1600	August 1623	1627
21 Romano	1570?	1590	1631
22 Agostinho	1575	1602	1631?

Capítulo 4 - Rivalidades entre os missionários europeus e os japoneses

1. O caso do conflito André Pessoa

Desde o estabelecimento inicial da Companhia de Jesus no Japão, surgiram conflitos entre os religiosos europeus e japoneses. Segundo os europeus, os japoneses frequentemente recorriam à mentira, uma prática que não era condenada na sociedade japonesa. No entanto, um evento ocorrido entre 1609 e 1610, envolvendo diretamente o Capitão-mor da viagem comercial entre Macau e Nagasáqui, intensificou essas rivalidades internas, ganhando destaque nas fontes documentais europeias.

Para explicar esse evento, é necessário analisar o relato intitulado *Relação da queima da Nao Nossa Senhora da Graça em que veio por Capitão-mor da Viagem André Pessoa no ano de 1609*, provavelmente escrito pelo jesuíta português João Rodrigues Girão. Uma cópia desse relato encontra-se no *British Museum*¹¹⁵ e foi transcrito e publicado pela primeira vez em 1950 pelo renomado historiador Charles Boxer.¹¹⁶

Arima Shizegumi, um importante senhor feudal e chefe da Casa de Arima, que controlava territórios vizinhos a Nagasáqui, obteve uma licença do governante Tokugawa Ieyasu em 20 de novembro de 1507, permitindo que seus barcos comerciais partissem do Japão e realizassem negócios na região de Champa (atual Vietnã). Um desses barcos, devido a condições climáticas adversas, foi forçado a fazer uma parada em Macau, provavelmente para reparos e abastecimento de suprimentos. Ao mesmo tempo, uma embarcação de origem chinesa chegou a Macau, que havia sido roubada por piratas japoneses. As tripulações dessas duas embarcações, estando relacionadas, começaram a causar tumultos na cidade. Apesar das autoridades portuguesas terem proibido o uso de armas, os japoneses desobedeceram e perturbaram a população local com arcabuzes e espadas. A situação se agravou a tal ponto que eles entraram em confronto com as autoridades. O desfecho desse episódio foi dramático: os japoneses foram massacrados e apenas alguns foram poupados para retornarem ao Japão e relatarem o ocorrido às autoridades. Alguns meses depois, o Capitão-mor da cidade de Macau, André Pessoa, viajou para Nagasáqui a bordo de um navio comercial carregado com mercadorias dos principais comerciantes portugueses do Estado da Índia. O navio chegou a Nagasáqui em

¹¹⁵ British Museum. Add. Mss. 9860.

¹¹⁶ Charles Boxer, “*Antes Quebrar que Torcer*” ou (*Pundonor Português em Nagasáqui, 3-6 de Janeiro de 1610*), (Macau, Imprensa Nacional, 1950). Veja-se também: José L. Álvarez-Taladriz, «Don Rodrigo de Vivero et la Destruction de la Nao “Madre de Deos”(1609 à 1610)», *Monumenta Nipponica* (1939), vol. II: 150.

29 de junho de 1609 e uma das primeiras medidas tomadas pelo capitão português foi informar as autoridades japonesas sobre o ocorrido em Macau.¹¹⁷

Os dois governadores de Nagasáqui, Hasegawa Sahioye Fujihiro e Murayama Tōan, foram informados e aparentemente minimizaram o incidente. Ao mesmo tempo, alegando que os comerciantes portugueses eram corruptos e tentavam esconder a seda para não vendê-la pelo preço estabelecido pelas autoridades japonesas, os governantes começaram a interferir nos negócios dos comerciantes portugueses, invadindo as suas casas no porto de Nagasáqui e confiscando a seda. Para piorar a situação, quando o Capitão-mor visitou a casa do governador Hasegawa Sahioye Fujihiro, foi recebido com desconfiança e humilhação.¹¹⁸ Informados sobre o ocorrido, os principais líderes jesuítas na cidade tentaram mediar e resolver o conflito, mas não obtiveram sucesso. Preocupados com o que estava acontecendo e desconfiando dos governadores, os comerciantes decidiram enviar um relatório detalhado dos eventos ocorridos em Macau e Nagasáqui a Tokugawa Ieyasu. Preparou-se uma embaixada para representar diplomaticamente essas queixas, sendo o comerciante Mateus Leitão escolhido como líder. Apesar de essa embaixada ter chegado primeiro à corte japonesa, eles só foram recebidos em audiência após os holandeses, que obtiveram permissão para estabelecer uma feitoria no porto de Hirado nessa mesma audiência. Quando chegou a vez de Mateus Leitão, ele foi cordialmente recebido, relatou o ocorrido em Macau e recebeu uma patente que proibia todos os japoneses de frequentarem a cidade.¹¹⁹

Ao retornar a Nagasáqui, o Capitão André Pessoa foi informado do desfecho da audiência, mas sentindo-se ultrajado pelo comportamento dos governadores da cidade e pelo fato de os holandeses terem obtido permissão para estabelecer uma feitoria, decidiu ir pessoalmente à corte e apresentar suas queixas contra os governadores e os holandeses. O tradutor usado para traduzir as acusações do português para o japonês secretamente avisou os governadores sobre a intenção do Capitão-mor.¹²⁰ Hasegawa Sahioye Fujihiro e Murayama Tōan, sentindo-se ameaçados, fizeram todos os esforços para impedir a viagem do Capitão-mor André Pessoa, conseguindo êxito, e também se vingaram dos portugueses por eles terem obtido de Tokugawa Ieyasu uma licença que proibia os japoneses de frequentarem Macau. Embora o motivo desse descontentamento não seja

¹¹⁷ Boxer, “Antes Quebrar que Torcer”, 10-12.

¹¹⁸ Boxer, “Antes Quebrar que Torcer”, p.9.

¹¹⁹ Boxer, “Antes Quebrar que Torcer”, 14-15, 17-18.

¹²⁰ Boxer, “Antes Quebrar que Torcer”, 12, 19.

esclarecido na Relação escrita por João Rodrigues, tudo indica o envolvimento dos dois governadores no comércio ilegal entre Macau e o Japão.¹²¹

Dessa forma, uma importante conspiração japonesa foi iniciada para atacar o navio dos portugueses em Nagasáqui e confiscar todas as suas mercadorias. A justificativa utilizada foi a perda do navio que o Senhor de Arima, Arima Harunobu, havia enviado para Champa, o qual foi destruído em Macau. Para isso, um novo relatório secreto foi preparado e apresentado a Ieyasu, acusando os portugueses de terem destruído uma missão diplomática que estava a bordo desse navio, apropriando-se dos presentes enviados pelo governante japonês ao rei de Champa.¹²² Como consequência, Ieyasu emitiu uma ordem aos portugueses estabelecidos em Nagasáqui, exigindo a entrega do Capitão-mor André Pessoa, sob ameaça de morte, e ameaçando destruir suas residências. Além disso, caso os portugueses fossem protegidos pelos cristãos de Nagasáqui, Ieyasu ordenou que a cidade fosse arrasada. No entanto, mesmo diante das ameaças, os portugueses recusaram-se a obedecer à ordem.¹²³ Diante disso, o governante japonês ordenou ao Senhor de Arima, Arima Harunobu, que punisse os portugueses, justificando essa escolha pelo fato de o navio e a tripulação assassinada durante o motim ocorrido em Macau em 1608 estarem sob o serviço desse senhor. Embora fosse um plano secreto, as redes cristãs jesuítas foram informadas e o Capitão-mor foi avisado, começando a se preparar para um confronto militar.

Foi nesse momento que emergiu o maior conflito até então ocorrido entre os missionários japoneses e europeus dentro da Companhia de Jesus.¹²⁴ A relação entre os jesuítas no Japão sempre foi marcada por problemas, mas os religiosos buscaram formas de superar e resolver os atritos internos. Por volta de 1609, esses atritos assumiram proporções nunca antes vistas. O primeiro episódio envolveu um irmão japonês chamado Rafael. Esse jesuíta tinha conexões sociais e políticas muito importantes, convivendo com as principais figuras da região de Kyushu, como Arima Harunobu, além de representar os interesses da Companhia de Jesus junto a Tokugawa Ieyasu na corte. Este irmão japonês enviara uma carta secreta ao Tono local (o Senhor de Arima), avisando que os governadores de Nagasáqui, Hasegawa Sahioye Fujihiro e Murayama Tōan, e o padre

¹²¹ O principal motivo que leva à queda de Murayama Tōan em Nagasáqui, seria o seu envolvimento no comércio ilegal e prática de corrupção.

¹²² Álvarez-Taladriz, «Don Rodrigo de Vivero et la Destruction de la Nao “Madre de Deos”(1609 à 1610)», 150.

¹²³ Boxer, “Antes Quebrar que Torcer”, 36-37.

¹²⁴ ARSI, JapSin 2, fls. 164.

japonês Martinho Hara (membro da primeira comitiva japonesa à Europa) tinham influenciado Toyotomi Hodeyoshi a não dar as terras que o Tono ambicionava, como havia sido prometido. O Senhor de Arima, acreditando ser verdade, tinham requerido a um dos seus súbditos para assassinar o governador Hasegawa Sahioye Fujihiro, além de manifestar grande animosidade o padre japonês Martinho Hara e, subsequentemente, à Companhia de Jesus. Pouco depois, o padre Visitador Alessandro Valignano tendo descoberto esse rumor que colocava em risco a sua ordem religiosa, falou com o Senhor de Arima, esclarecendo o assunto e provando tratar-se de uma invenção. No decorrer deste episódio, o filho mais velho do senhor de Arima falava com outro jesuíta, o padre Mateus de Couros e revelaria que tinha sido esse irmão Rafael o causador de tudo, tendo escrito a seu pai uma carta contendo essas informações, a qual o próprio lera.¹²⁵ Esse mesmo Rafael, noutra ocasião, também revelara aos irmãos japoneses do Colégio de Nagasáqui de um projeto secreto da Corte de Toyotomi Hideyoshi para que uma armada japonesa fosse até Macau para destruir a cidade. Pedindo aos irmãos japoneses para não revelarem essa informação aos europeus, o qual tinha sido cumprido de forma escrupulosa. Vários meses volvidos, constatando que esse projeto não se materializara, um desses irmãos japoneses partilhou a informação com os religiosos europeus, aumentando as fricções culturais dentro da Companhia de Jesus.

A estes dois episódios, adicionar-se-á um terceiro. O conflito entre o Capitão-mor André Pessoa e as autoridades nipônicas era também conhecido pelos irmãos japoneses, os quais sabiam antecipadamente que Toyotomi Hideyoshi tinha enviado uma permissão ao Senhor de Arima para assassinar o capitão-mor André Pessoa e confiscar a grande nau que chegara de Macau. Apesar de saberem que dentro dessa nau se encontrava todo o suporte financeiro da Companhia de Jesus no Japão, nenhum dos irmãos japoneses revelara o que sabia aos religiosos europeus. Aquando do conflito militar entre o capitão-mor André Pessoa e os soldados do Senhor de Arima, começando o vento a soprar no sentido leste o que permitia à nau deixar o porto de Nagasáqui, os religiosos europeus observaram os *dojokus* japoneses a correrem para a igreja e a rezarem pedindo a Deus que não permitisse que a nau escapasse. Para piorar a situação, quando se soube que a nau tinha efetivamente indo ao fundo, juntamente com o capitão-mor, tripulação e todas as mercadorias, todos os padres como os irmãos japoneses ostentaram publicamente o seu contentamento, revoltando os europeus.¹²⁶ Este comportamento, aumentaria a clivagem

¹²⁵ ARSI, JapSin 2, fls. 164v.

¹²⁶ ARSI, JapSin 2, fls. 165.

entre europeus e japoneses, sendo a primeira consequência o despedimento massivo de japoneses dentro da Companhia de Jesus.

2. A chegada dos japoneses a Macau após a expulsão dos religiosos do Japão

O entreposto comercial de Macau, desde a sua fundação, foi composto por diversos povos asiáticos que, entrecruzando-se com os portugueses, dariam origem à comunidade macaense. Relativamente à contribuição japonesa para a formação da comunidade macaense, existem inúmeros exemplos recentemente estudados que demonstram a sua presença desde as primeiras décadas da fundação de Macau. Encontramos capitães, marinheiros, soldados, piratas, criados, escravos, etc.¹²⁷ Nos finais do século XVI, com a criação do Seminário japonês no Colégio de São Paulo em Macau (1594), esta presença é reforçada religiosamente.

Anualmente, vários grupos reduzidos de estudantes japoneses viajam para Macau para estudarem e obter uma formação religiosa que não podem adquirir no Japão. Estes religiosos, depois de formados, regressam ao Japão onde serão distribuídos pelos diferentes centros missionários em Kyushu. Esta estratégia da Companhia de Jesus é realizada até ao ano de 1614, data em que os jesuítas são expulsos em massa do Japão e obrigados a exilarem-se em Macau e nas Filipinas. Embora a Carta Ânua de 1614, redigida pelo jesuíta João da Costa, faça menção à receção calorosa que a chegada do então Provincial da Companhia de Jesus (Valentim de Carvalho) e os missionários japoneses em Macau teria suscitado, o tratamento inadequado dispensado por Carvalho aos nipónicos é minuciosamente descrito por diversos jesuítas nas cartas secretas enviadas para Roma. Deste grupo, o maior crítico seria o jesuíta Vicente Carruba, o qual se mostraria particularmente descontente com o comportamento do Provincial, ao mesmo tempo que destaca a chegada inesperada em 1614 de um grande número de japoneses e a falta de preparação do Colégio para recebê-los. A escassez de alojamentos adequados e o desconforto resultante gerariam uma situação desafiadora para todos os envolvidos, conjuntura que se arrastaria e pioraria nas décadas seguintes. Paralelamente, às dificuldades logísticas, poder-se-á destacar os constantes ataques perpetrados pelo Provincial Valentim de Carvalho contra os japoneses, motivados pelo desfecho trágico da missão japonesa de 1614. Como consequência imediata, ao longo de um período de três décadas a grande maioria dos missionários japoneses regressa clandestinamente ao

¹²⁷ De Sousa, *The Portuguese Slave Trade*, 361-368.

Japão, rompendo os laços com a Companhia de Jesus. A minoria nipônica que resiste e não abandona a Companhia de Jesus, dispersa-se pelo Sudeste-asiático. Por exemplo, no ano de 1616, conforme relato do jesuíta Afonso de Lucena, alguns dojokus, pertencentes ao grupo de japoneses exilados em Macau, foram enviados para as Filipinas por iniciativa do Provincial Valentim de Carvalho. Essa ação foi solicitada pela Companhia de Jesus nas Filipinas, com o objetivo de preencher as vagas deixadas pelas mortes dos diversos japoneses. No ano de 1616, do grupo de seminaristas enviados para Macau, restaram apenas dez estudantes japoneses, que residiam no Colégio e em 1617, o jesuíta Francisco Perez mencionou que o número de estudantes era ainda menor, com apenas sete seminaristas. A mesma correspondência revela que, do grupo original de quarenta dojokus que chegaram a Macau em 1614, apenas dezassete permaneceram na cidade, tendo estes posteriormente partido em direção à Cochinchina e à Índia Portuguesa, dando início a uma importante diáspora, a qual será aumentada pelas perseguições religiosas no Japão nas duas décadas seguintes e pela corte das relações comerciais entre Macau e Nagasáqui em 1640.

3. A Embaixada Mártir

Apesar da expulsão de religiosos do Japão ter ocorrido em 1614, uma parcela dos missionários permaneceria clandestinamente no arquipélago até ao início da década de 30 do século XVII. Nessa época de perseguições religiosas, esses missionários eram auxiliados pelos cristãos locais e pelos comerciantes europeus que, anualmente, continuavam a comercializar em Nagasáqui. Finalmente, a simbiose entre o comércio e a religião que marcaria o início das relações Portugal-Japão ditaria o encerramento dos contatos.

Em agosto de 1639, quatro barcos carregados de valiosas mercadorias zarparam do porto de Macau em direção a Nagasaki, liderados pelo Capitão português Vasco Palha de Almeida. O objetivo da viagem era reestabelecer contatos comerciais e fortalecer as relações entre os dois importantes centros comerciais da época. Devido ao mau tempo, apenas o navio principal, acompanhado de uma quarta embarcação, logrou alcançar o porto de Nagasaki. Nesta cidade, os mercadores de Macau desembarcaram na ilha artificial de Dejima, que fora especialmente preparada para acomodar os portugueses. No entanto, diferentemente do que acontecera nos anos anteriores, as mercadorias transportadas pelos navios permaneceriam a bordo dos navios e os portugueses não receberam permissão para as descarregar. Essa situação desfavorável perdurou até o

início de setembro, quando a tripulação recebeu oficialmente a notícia de que deveria retornar a Macau e que o comércio entre as duas regiões havia sido abruptamente interrompido. Chegados a Macau, os membros da assembleia macaense, compostos pelos principais mercadores da cidade, reúnem-se no Senado para discutir o problema e como conseguir recuperar a rota comercial Macau-Japão, a qual era fundamental para a sobrevivência daquele entreposto comercial. Após prolongados debates sobre as estratégias a seguir, os representantes da cidade decidem enviar uma delegação diplomática a qual teria como objetivo principal a retomada das atividades comerciais. Essa delegação foi liderada por quatro embaixadores cuidadosamente selecionados entre os mais importantes comerciantes: Luís Pais Pacheco; Rodrigo Sanches de Paredes; Gonçalo Monteiro Carvalho e Simão Vaz de Paiva. Os preparativos para a partida são realizados e a 6 de julho de 1640, após várias semanas de viagem, a embarcação transportando a comitiva atraca em Nagasaki.

Lamentavelmente, contrariando as expectativas positivas do Senado de Macau, a reunião diplomática culminaria tragicamente, pois logo após o desembarque, as autoridades japonesas prenderam os seus 74 membros e, sem julgamento, executariam poucos dias volvidos 61 deles. Sobreviveriam ao massacre um reduzido grupo de 13 indivíduos, os quais foram forçados a regressarem a Macau numa pequena embarcação improvisada. O motivo dessa decisão era levarem a trágica notícia ao Senado com um aviso de que as relações comerciais Portugal-Japão estavam indefinidamente interrompidas.

Quando a notícia chega à cidade, a comunidade mercantil em estado de choque, procura desesperadamente encontrar novas vias económicas para sobreviver. Já os religiosos de origem japonesa estabelecidos em Macau e nas Filipinas deixam de poder entrar no Japão diluindo-se nas comunidades cristãs estabelecidas nestes lugares e também no Sudeste. Este evento trágico seria estudado detalhadamente pelo jesuíta Benjamim Pires¹²⁸ e mais recentemente pelo historiador Lúcio de Sousa.¹²⁹ As fontes autógrafas podem ser consultadas nos arquivos da Companhia de Jesus em Roma (*Archivum Romanum Societatis Iesu*)¹³⁰ e no arquivo da *Propaganda Fide* (*Archivio Storico de Propaganda Fide*) da mesma cidade.¹³¹

¹²⁸ Benjamim Videira Pires, *A Embaixada Mártir* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988).

¹²⁹ De Sousa, *The Portuguese Slave Trade*.

¹³⁰ ARSI, Jap Sin 29 e Jap Sin 25.

¹³¹ AGV, Propaganda Fide: SRCG. 109. Scritture riferite nelle Congregazioni Generali, vol. 108 [109]: Anno 1646. Estratto sul Giaponne. Relacion del Ilustre y Glorioso martyrio de quatro

4. A sobrevivência do clero japonês em Macau e a sua diáspora para o Sudeste Asiático

Desde a chegada dos portugueses ao Sudeste-asiático que os reinos do Tun-Kim e da Cochinchina começam a ser frequentados pelas suas embarcações comerciais. A ligação principal da primeira metade do século XVI era a cidade Malaca, à qual seria adicionada na segunda metade do século XVI a cidade de Macau. Além destas duas rotas, existiam outras secundários que os portugueses também utilizavam como a rota marítima de Macassar, de Goa, Camboja e Champa.¹³² Similarmente ao que acontecia com a China, durante as primeiras décadas do século XVI, o comércio era caracterizado essencialmente por contrabando, ou seja, com a participação direta e indireta de comerciantes nativos, mas à revelia das autoridades centrais (e com a conivência das autoridades locais). Como acontecia por toda a Ásia, os portugueses e os seus associados vendiam produtos procurados nestas regiões, predominantemente sedas, madeiras, porcelanas e produtos de luxo. Macau, além das sedas de cantão, especializa-se em roupas europeias, jóias, pentes, louças, metais, pedras preciosas, sabão e comidas (compotas) e adquiriam em troca sândalo, pimenta, areca, águila, ninho de pássaro, marfim, marisco, nácar, tartaruga, benjoim, calambá, pontas de abada, almíscar, prata.¹³³

Gradualmente, com a oficialização dos contactos entre os mercadores portugueses e as autoridades centrais, o comércio de contrabando transita para a legalidade. Tal como ocorria na China e no Japão, os missionários da Companhia de Jesus desempenham um papel fundamental na diplomacia, tornando-se elementos imprescindíveis que acompanham os comerciantes em reuniões importantes, servindo de intérpretes e negociadores. Estes missionários também possuem os seus próprios objetivos, que às vezes se alinham com os dos mercadores e outras vezes divergem.

Embaxadores Portugueses de la Ciudad de Macan con cinquenta, y siete Christianos de su Compañia de diferentes naciones degollados por Nuestra Sancta Fe en la Ciudad de Nangasaqui del Reyno de Iapon a tres de Agosto del año de mil y seys cientos y quarenta ... (Manila: Compañia de IESVS por Raymundo Migisa, 1641), fols. 195; AGV, Propaganda Fide: SRCG. 192. Scritture riferite nelle Congregazioni Generali, vol. 192: Anno 1648. *Relação do Glorioso Martírio de Quatro embaixadores portugueses da Cidade de Macau com sincoenta e sete Christãos mais de Sua Companhia nas nações degollados pella ffé de Christo em Nangassaqui, Cidade de Japão a três de Agosto do presente Anno de 1640 com todas as circunstancias de sua embaixada tirada de enformações verdadeiras de testemunhas de vista em Macau por fins de Setembro do mesmo anno*, fol. 285.

¹³² Isabel Augusta Tavares Mourão, *Portugueses em Terras do Dai- Viêt (Cochinchinae Tun-Kim) 1615-1660* (Macau: Fundação Oriente, 2005), 165.

¹³³ Mourão, *Portugueses em Terras do Dai- Viêt*, 166-167, 262.

Ao contactarem com os governantes locais, os missionários oferecem-lhes presentes que os agradem, mas também que despertem a curiosidade, tais como livros científicos e culturais europeus traduzidos para caracteres chineses, mapas e objetos de uso pessoal como óculos. Através destas oferendas, procuram estabelecer-se como figuras imprescindíveis na corte, introduzindo e ensinando a ciência europeia. Paralelamente, utilizam esta plataforma para disseminarem o cristianismo.

Dentre os comerciantes portugueses que negociam sazonalmente, uma minoria opta por estabelecer-se na Cochinchina e no Tun-Kim. Para esse efeito, bairros são construídos, sendo o mais famoso o bairro luso-japonês de Hôi Na, próximo do porto. Na mesma cidade, também são erguidas residências jesuítas. A razão pela qual os portugueses vivem próximos dos japoneses está relacionada com a diáspora cristã e o facto de muitos destes mercadores nipónicos serem oriundos de Kyushu. Devido às perseguições religiosas no Japão, muitos deixam a zona sul do país e estabelecem-se com os portugueses não apenas no Dai-Viêt, mas também no Sião e Camboja.

Para reconstruirmos a diáspora japonesa cristã nesta região, uma das abordagens mais simples é a localização e reconstrução dos contactos comerciais lusos com a Cochinchina e o Tun-kim. Através da documentação jesuíta, temos acesso a informações que remontam ao ano de 1614, quando uma galeota comercial de Macau chega à Cochinchina. No ano subsequente, chega outra embarcação macaense, desta vez transportando missionários jesuítas que estabeleceram a primeira missão da Companhia de Jesus na região. Nessa altura, as fontes documentais portuguesas indicam a existência de uma comunidade mercantil japonesa com cerca de quatrocentas pessoas. Nos anos seguintes, Macau continuou a enviar embarcações comerciais, com uma média de uma embarcação por ano. Em 1619, chega uma embarcação de Macau com uma embaixada portuguesa, um junco com japoneses oriundos de Tun Kim e diversos barcos japoneses de Camboja. Em 1624, 1625 e 1626, ocorre novamente a coincidência da chegada de mercadores japoneses e portugueses. Em 1628, uma embarcação de Macau e outra do Japão voltaram a coincidir na Cochinchina.

Essa harmonia aparente entre mercadores de Macau e do Japão não parece ocorrer com os mercadores portugueses vindos de outras regiões. Por exemplo, em 1629, um barco português de origem não identificada ataca uma embarcação de japoneses vindos de Jacarta na Cochinchina. No ano de 1631, uma embaixada portuguesa de Macau e uma embaixada japonesa coincidiram na Cochinchina. Portugueses e japoneses voltaram a coincidir nos anos de 1634 e 1647, sendo este último o ano da chegada da última

embarcação oriunda do Japão com tripulação japonesa à Cochinchina. Além de transportarem comerciantes e mercadorias, essas embarcações mencionadas também transportariam muitos missionários e refugiados japoneses. Relativamente às embarcações portuguesas de Macau no Tun kin, apesar de termos informações da sua chegada, não encontramos quase referências às embarcações japonesas. Apenas o ano de 1626 é uma exceção. Já após o corte das relações Macau-Japão, chegam duas embarcações japonesas de Macau as quais transportam mercadores nipônicos, lusos e diversos religiosos¹³⁴ É muito provável que estas embarcações constitua um vestígio da diáspora de religiosos e refugiados japoneses para Sudeste-Asiático.

¹³⁴ Mourão, *Portugueses em Terras do Dai-Viêt*, 291-296, 298-300, 302.

Conclusão

A estrutura da Companhia de Jesus no Japão durante os séculos XVI e XVII foi influenciada pela estratégia do *modus acomodatio*, estratégia que tentava incorporar elementos nativos na abordagem missionária. Como consequência, a hierarquia religiosa jesuíta no Japão seria construída tendo como modelo a hierarquia religiosa dos Genxus, a principal seita religiosa do arquipélago.

A Companhia de Jesus era liderada pelo «Superior do Japão», responsável por coordenar toda a missão jesuíta no país, seguido pelos «Superiores Universais», missionários encarregados de dirigir as residências e cuidar dos diferentes polos de evangelização. Como vimos, os Padres viviam temporariamente nas residências e dedicavam-se à conversão e evangelização nas regiões vizinhas. Seguidamente, surgia a categoria de «Irmãos Antigos», na sua maioria eram nativos japoneses, os quais desempenhavam um papel fundamental no processo de conversão, já que os missionários europeus raramente dominavam o idioma japonês. Os Irmão Antigos também tinham a possibilidade de se tornarem padres, pois eram considerados os membros mais antigos e experientes dentro da Companhia de Jesus. Depois desta categoria, existiam os «Irmãos Noviços», indivíduos recém-chegados à Companhia e sem uma profunda experiência. Para terminar, apesar de não serem oficialmente considerados parte integrante da Companhia de Jesus, podemos identificar as categorias de «Dojukus» (criados japoneses da Companhia de Jesus) e «Moços de serviço», as quais incluíam catequistas itinerantes e não itinerantes.

Na categoria de «Irmãos Antigos» e «Irmãos Noviços» existia uma importante especialização denomina de «Irmãos pregadores,» os quais desempenhavam o papel mais importante na evangelização. Eram eles quem evangelizavam as comunidades nativas e expandiam o cristianismo.

As pregações destes irmãos podem ser divididas em duas fases: pré-Pero Gómez e pós-Pero Gómez. Na fase pré-Pero Gómez, as pregações eram vagas e abordavam temas simples e compreensíveis para os ouvintes. Os irmãos pregadores eram incentivados a não mencionarem assuntos considerados tediosos ou curiosidades, e a exortavam os fiéis japoneses a confessarem-se, comungarem e a realizarem boas obras, além de respeitarem as diretrizes eclesiásticas, praticarem a penitência e obras de misericórdia.

Conforme analisámos, com a chegada do jesuíta Pero Gómez ao Japão, seria introduzida uma nova metodologia na pregação. Gómez comporia um guia denominado *Avizos para os Pregadores em Japão*, no qual combinava os costumes japoneses com os princípios cristãos. Essa abordagem adaptada procurava ajustar a pregação ao público e apresentava estratégias e recursos argumentativos para expandir a doutrina cristã no Japão. O guia foi dividido em seções que abordavam o ensino, narração, exclamação, repreensão, exortação, pregação comum, pregação extraordinária.

Apesar desta estrutura, a escassez de missionários europeus dificultava a tarefa de evangelização no arquipélago. Diante destas circunstâncias, os jesuítas estabelecidos no Japão seriam obrigados a desenvolverem estratégias adicionais para enfrentarem o desafio da conversão ao cristianismo. As Consultas, reuniões que reuniam os membros proeminentes da Companhia de Jesus, foram realizadas com o objetivo de solucionar esse e outros desafios. Devido à falta crónica de missionários europeus, os jesuítas no Japão decidem solucionar o problema através da criação dois tipos de Seminários: um exclusivamente para crianças, com até 17 anos, e outro para adultos, a partir dos 17 ou 18 anos. Essa estratégia permitiria contar com a ajuda dos adultos desde o início, enquanto os mais jovens seriam educados e cresceriam no conhecimento. A ideia era aproveitar ao máximo o potencial dos jovens, uma vez que o número de adultos disponíveis era limitado.

Dessa forma, acompanhámos o modo como os jesuítas desenvolveram um plano abrangente de recrutamento e formação de clérigos japoneses, com o objetivo de garantir a continuidade da missão cristã no Japão. A implementação desses Seminários seria fundamental para a consolidação da presença da Companhia de Jesus no país, mesmo diante dos desafios políticos e culturais enfrentados.

Relativamente aos Seminários para crianças, estes foram estruturados para recrutar e educar crianças de diferentes origens familiares, políticas e religiosas. Muitas das crianças eram abandonadas ou órfãs, sendo os próprios padres responsáveis por trazê-las para os Seminários. Outras crianças eram entregues pelos próprios pais, com motivações variadas: os progenitores pobres buscavam uma educação cristã para os seus filhos, visando melhores condições económicas no futuro, enquanto os pais ricos, como comerciantes e nobres, buscavam ascensão na hierarquia religiosa. A diferente proveniência social das crianças tinha como consequência um tratamento diferenciado dado pelos membros da Companhia de Jesus. A estrutura interna dos Seminários para crianças incluía um governo com um Superior, um Irmão primeiro e um Irmão segundo

ou *dojuku*. O Superior tinha a responsabilidade de coordenação, enquanto o Irmão primeiro ou o Irmão segundo faziam cumprir as regras do Seminário e garantir que os estudantes se concentrassem em seus estudos. Estes Seminários visavam proporcionar uma educação religiosa sólida e formar uma nova geração de cristãos japoneses que seriam utilizados para disseminar o catolicismo no arquipélago.

Já os Seminários para adultos possuíam uma estrutura mais simples em comparação com os Seminários para crianças. No recrutamento, os missionários decidiram que todos os japoneses que desejassem ingressar na Companhia de Jesus podiam entrar, passando por um período experimental de dois anos, conhecido como noviciado. Após este período, caso decidissem permanecer na missão e não desistissem, começariam a estudar de acordo com suas capacidades intelectuais. Os superiores de cada noviciado esperavam que os membros mais talentosos desse clero nativo pudessem ser ordenados como padres.

Além do estudo, os membros destes Seminários eram envolvidos em atividades de pregação, ensino e escrita de livros em língua japonesa. Essa estratégia permitiu que a Companhia de Jesus difundisse o cristianismo com maior rapidez. Contudo, devido à instabilidade política do Japão, então em plena guerra civil e processo de unificação, a partir de 1592, a formação religiosa dos missionários no Japão começa a ser demasiado perigosa. Para contornar este obstáculo, o jesuíta italiano Alessandro Valignano cria o Colégio de Macau com um Seminário para estudantes japoneses, proporcionando-lhes educação religiosa segura antes de serem enviados de volta ao arquipélago como parte da Missão japonesa. A fachada da Igreja de São Paulo é um perfeito exemplo deste projeto de educação missionária, desempenhando um papel significativo na conversão de chineses e japoneses ao cristianismo. As estátuas e símbolos presentes na fachada seriam utilizados para transmitir visualmente a mensagem cristã aos não crentes, visto que muitos eram analfabetos. As estátuas representam figuras importantes da Companhia de Jesus, como Inácio de Loyola, Francisco Xavier e Francisco de Bórgia, além da Virgem Maria, figura crucial na transmissão do cristianismo no Japão.

Paralelamente à criação do projeto do Colégio de Macau, inovações no âmbito dos métodos de evangelização também são introduzidas na missão japonesa as quais fariam parte de uma estratégia denominada *modus acomodatio*, empregada pela Companhia de Jesus no Japão, na qual elementos culturais da sociedade japonesa são incorporados com o intuito de promoverem a evangelização. Um dos exemplos mais paradigmáticos disto é a forma como a hierarquia religiosa jesuíta no Japão é organizada,

a qual se inspiraria na hierarquia religiosa dos Genxus, a principal seita religiosa do arquipélago. Desta forma, o «Superior do Japão» coordena a missão japonesa, seguido pelos «Superiores Universais», missionários que dirigem as residências e se dedicam à evangelização. Os Padres são obrigados a viverem temporariamente nas residências e a ocuparem-se da conversão e evangelização nas regiões circundantes. Os «Irmãos Antigos» acompanham estes padres europeus, desempenhando um papel fundamental na conversão, já que muitos padres europeus não dominam o idioma japonês. Já os "Irmãos Novinhos," recém-chegados à Companhia de Jesus, como os «Dojukus» e «Moços de serviço» desempenham funções polifacetadas, trabalhando tanto como catequistas itinerantes quanto não itinerantes, nas residências jesuítas.

Relativamente aos métodos de conversão os irmãos pregadores japoneses são ensinados a agirem de forma exemplar, levando uma vida regrada para se tornarem referências vivas para os japoneses que encontram. As suas pregações seguem as diretrizes elaborados pelo jesuíta Pero Gómez, o qual combina costumes japoneses com princípios cristãos e divide as pregações em várias seções com estratégias específicas. Gómez introduz uma nova técnica que inclui na pregação a *narração*, *exclamação*, *repreensão* e *exortação*, técnica que seria aplicada por todos os pregadores no Japão. Além disso, são estabelecidas pregações comuns e extraordinárias, adequadas ao tipo de audiência. As estratégias incluem o uso de comparações, ilustrações e adjetivação para tornar a pregação mais vívida e persuasiva.

Além da mudança das estratégias de educação e técnicas de pregação dos missionários, devido ao número reduzido de padres europeus no Japão, é iniciado um terceiro projeto de formação do clero nativo, para complementar o clero europeu. Contudo, a maioria do clero europeu era contrário a esta estratégia, apresentando diversos argumentos. O primeiro deles era a mentalidade de guerra da sociedade japonesa, considerada extremamente violenta e inclinada a cometer atrocidades. Os jesuítas europeus acreditavam que os japoneses cultivavam o espírito de crueldade, não demonstravam compaixão e eram avessos aos princípios da caridade defendidos pela Companhia de Jesus. Outro ponto de discordância era a questão do celibato. Os jesuítas consideravam que os japoneses não possuíam a energia espiritual necessária para manterem o celibato. Outro dos pontos defendidos era a falta de energia física dos japoneses para enfrentarem os desafios do sacerdócio. Segundo os europeus, a raiz deste problema provinha da dieta alimentar japonesa, demasiado leve. Além disso, os japoneses eram vistos como consumidores excessivos de remédios, o que os tornava pouco

adequados para exercerem o sacerdócio. A falta de motivação e a volubilidade de personalidade também eram apontadas como características desfavoráveis dos japoneses. Os jesuítas alegavam que os japoneses eram inconstantes, volúveis, amigos de prazeres terrenos e propensos à preguiça, tornando-os inaptos para o sacerdócio. Além disso, eram considerados mentirosos, o que não condizia com os princípios da Companhia de Jesus. A ambição material dos japoneses era outro ponto de descontentamento. Muitos *dojukus* eram considerados interessados no enriquecimento pessoal, usando a Companhia para alcançar benefícios individuais, em vez de servir à religião. Isso levava a problemas internos dentro da ordem religiosa.

Apesar da forte oposição europeia à formação de um clero nativo, Dom Luís Cerqueira, bispo do Japão, defenderia a admissão de japoneses no sacerdócio. Cerqueira defendia que era necessário ter padres japoneses a pregarem o evangelho na sua língua nativa. Esta visão culminaria na ordenação de diversos sacerdotes japoneses pela Companhia de Jesus até à expulsão das ordens religiosas do Japão em 1614.

A chegada dos missionários japoneses em 1614 a Macau causaria inúmeros problemas logísticos e tensões internas, com reclamações sobre o tratamento inadequado dispensado pelo então Provincial da Companhia de Jesus, Valentim de Carvalho, aos japoneses. Esse tratamento levaria à dispersão de muitos missionários japoneses pelo Sudeste Asiático, principalmente para os reinos de Tun-Kim e Cochinchina, destinos que usufruíam de relações económicas privilegiadas com Macau.

Em conclusão, a estrutura da Companhia de Jesus no Japão durante os séculos XVI e XVII foi profundamente influenciada pela estratégia do *modus acomodatio*, que incorporava elementos nativos na abordagem missionária. Para enfrentar os desafios da conversão ao cristianismo no Japão, a Companhia de Jesus desenvolveria estratégias inovadoras, como a criação de Seminários para crianças e adultos japoneses, a edificação do Colégio de Macau por Alessandro Valignano, a adaptação à cultura japonesa dos métodos de pregação de Pedro Gómez ou a formação de clero nativo pelo bispo do Japão, Luís Cerqueira. Essas iniciativas buscavam garantir a continuidade da missão cristã no país e formar uma nova geração de cristãos japoneses capazes de disseminar a doutrina cristã.

Apesar dos desafios políticos e culturais, a Companhia de Jesus não conseguiria consolidar a sua presença no Japão, contudo contribuiria para a propagação do cristianismo na Ásia, por intermediário de missionários e japoneses cristãos, frutos das perseguições religiosas.

Para encerrar a dissertação, gostaríamos de salientar que o presente trabalho é apenas um ponto de partida para explorar outras dimensões historiográficas, nomeadamente o desempenho dos missionários japoneses nas Filipinas, Vietname e Tailândia na segunda metade do século XVII. Futuramente, gostaríamos igualmente de investigar a influência que as vivências japonesas poderiam ter exercido na propagação do cristianismo noutras regiões do continente asiático, nomeadamente Laos e Indonésia. Nesse contexto, a presente dissertação erige-se não como uma «porta fechada», mas como uma «porta de acesso» a empreendimentos analíticos suplementares, os quais esperamos que aumentem substancialmente a narrativa da história cristã na Ásia durante os séculos XVI e XVII.

Bibliografia

Arquivos

Arquivo Nacional, Torre do Tombo, Lisboa

Archivum Romanum Societatis Iesu, Roma

Biblioteca da Ajuda, Lisboa

Biblioteca Nacional, Lisboa

Biblioteca Nacional, Madrid

Real Academia de la Historia, Madrid

Bibliografia Geral

Álvarez-Taladriz, José Luiz. *Adiciones del sumario de Japón*. Privately published, no place, no date.

Álvarez-Taladriz, José Luiz, «Apuntes sobre el Cristianismo y la Esclavitud en Japon», Appendix to Alessandro Valignano, in José Luis Álvarez Taladriz (ed.). *Adiciones del sumario de Japón*. Privately published, n.p., n.d., 498–511.

Álvarez-Taladriz, José Luiz. «Don Rodrigo de Vivero et la Destruction de la Nao “Madre de Deos”(1609 à 1610)», *Monumenta Nipponica* (1939), vol. II.

Álvarez-Taladriz, José Luiz. «La persecución de 1587 y el Viceprovincial Gaspar Coelho, según el Visitador Alejandro Valignano», *Sapientia* 10 (1975): 95–114.

Arano Yasunori. «The Formation of a Japanocentric World Order». *International Journal of Asian Studies* 2, no.2 (2005): 185-216.

Boxer, Charles. “*Antes quebrar que torcer’ ou pundonor português em Nagasaki, 3–6 de Janeiro de 1610*”. Macau: Instituto Português de Hong Kong–Imprensa Nacional, 1950.

Boxer, Charles. *Fidalgos in the Far East 1550–1770*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

Boxer, Charles. *The Affair of the “Madre de Deus” (a Chapter in the History of the Portuguese in Japan)*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1929.

Boxer, Charles. *The Christian Century in Japan 1549–1650*. London: Cambridge University Press, 1951.

Boxer, Charles. *The Great Ship from Amacon*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.

Boxer, Charles Ralph, *The Great Ship from Amacon: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1959.

Cardoso, A.. «Tradução dos evangelhos em japonês do jesuíta Manuel Barreto». *Humanística E Teologia*, 12(3), (1991): 401-403, <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1991.5839>

Cieslik, Hubert. *Soldo Organtino: The Architect of the Japanese Mission*. Tokyo: Sophia University, 2005.

Correia, Pedro Lage Reis. *A Conceção de missão na 'Apologia' de Valignano: estudo sobre a presença jesuíta e franciscana no Japão (1587-1597)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2008.

Costa, João Paulo Oliveira e. “O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís de Cerqueira”. Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 1998.

Clulow, Adam. «Like Lambs in Japan and Devils Outside their Land: Violence, Law and Japanese Merchants in Southeast Asia». *Journal of World History* 24(2) (2013): 335–60.

Elisonas, George [Jurgis Elisonas]. *Deus Destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan*. Cambridge, Mass., 1973.

Espadinha, Maria Antónia; Seabra, Leonor (eds.). *Missionação e Missionários na História de Macau*. Macau: Universidade de Macau, 2005.

Fróis, Luís. *Historia de Japam*. Lisbon: Biblioteca National, 1976.

Fróis, Luís. *Tratado dos embaixadores Japoes*, (ed.). Rui Manuel Loureiro. Lisbon: Grupo de Trabalho do Ministerio da Educacao para as Comemoracoes dos Descobrimentos Portugueses, 1993.

Galvao, Antonio. *Tratado dos Descobrimentos*. Barcelos: Livraria Civilizacao Editora, 1987.

Gay, Jesús López, S.J.. «Un Documento Inédito del P.G. Vázquez (1549–1604) sobre los Problemas Morales del Japón». *Monumenta Nipponica* 16 (1960–61): 118-160.

Gómez, Pedro. *Compendium catholicae veritatis: Compendia*. Tokyo: Kirishitan Bunko Library, Sophia University, 1997.

Kataoka, Inácia Rumiko. *A vida e a ação pastoral de D. Luís Cerqueira S.J., Bispo do Japão (1598–1614)*. Macao: Instituto Cultural de Macau, 1997.

Laures, Johannes, S.J.. *A Manual of Books and Documents on the Early Christian Mission in Japan*. Tokyo: Sophia University, 1957.

Marques, António Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1997-1998.

Mesquitela, Gonçalo, *História de Macau*. Macau: ICM, 1996.

Mourão, Isabel Augusta Tavares. *Portugueses em Terras do Dai- Viêt (Cochinchinae Tun-Kim) 1615-1660*. Macau: Fundação Oriente, 2005.

Oka, Mihoko. *The Namban Trade: Merchants and Missionaries in 16th and 17th Century Japan*. Leiden and Boston: Brill, 2021.

Oliveira e Costa, João Paulo (ed.). Trans. Ana Fernandes Pinto. *Cartas Ânuaas do Colégio de Macau*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

Oliveira, Miguel de. *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa: Europa-América, 1994.

O'Malley, John W., *The first Jesuits*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

O'Neill, Joaquín Domínguez (org.). *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesus*. Madrid: Universidad Pontificia, 2001.

Pagés, Léon. *Religion Chrétienne au Japon*. Paris: Charles Douniol, Libraire Editeur, 1869.

Phan, Peter C. *Mission and catechesis: Alexander de Rhodes & inculturation in seventeenth-century Vietnam*. New York: Orbis Books, 1998.

Pimentel, Maria do Rosário. *Viagem ao fundo das consciências*. Lisboa: Edições Colibri, 1995.

Pinto, Abranches, Yoshimoto Okamoto, and Bernard Henri. *La Première Ambassade du Japon en Europe 1582–1592*. Tokyo: Sophia University, 1942.

Pinto, Ana Fernandes. *Uma Imagem do Japão. A Aristocracia Guerreira Nipónica nas Cartas Jesuítas de Évora (1598)*. Macau: Instituto Português do Oriente-Fundação Oriente, 2004.

Pires, Benjamin Videira. *A viagem de comércio Macau-Manila nos séculos XVI a XIX*. Macau: Museu Marítimo de Macau, 1994.

Pires, Benjamin Videira. *Taprobana e mais além... Presenças de Portugal na Ásia*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1995.

Qichen, Huang, «Macau, ponte de intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente, do século XVI ao século XVIII». *Revista de Cultura*, II série, nº. 21, out.-dez. (1994): 13-178.

Rego, António da Silva. *Documentação para a História do Padroado Português do Oriente*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1953.

Reis, Pedro Lage. «Alessandro Valignano attitude towards Jesuit and Franciscan concepts of evangelization in Japan (1587-1597)». *Bulletin of Portuguese - Japanese Studies*, núm. 2, june (2001): 79-108.

Resende, Helena Maria dos Santos de. *O Oriente no Ocidente: o Japão na cultura portuguesa do século XVI – A visão de Luís Fróis nas cartas de Évora*. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2013.

Ribeiro, Madalena Teotónio Pereira Bourbon. *A nobreza cristã de Kyûshu. Redes de parentesco e acção jesuíta*. Dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII). Lisboa Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2006.

Rico, Hermínio, S. J.. «A Universidade Jesuíta: um projeto do humanismo inaciano, do século XVI ao século XXI» Universidade de Évora (1559-2009). 450 Anos de modernidade educativa, Sara Marques e Francisco Lourenço Vaz (coord.). Lisboa: Chiado Editora, 2012,. 101-111.

Rodrigues, Francisco. «Nas missões do Extremo Oriente» *Separata da revista Brotéria*, vol. XX, fasc. 5, (1935): 413-420.

Rodríguez, Carlos Alfredo Martínez. *Valignano (1536-1606) e a missão do Japão Um projeto de inculturação*. Dissertação de mestrado em Teologia. Porto, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 2019.

Ruiz-de-Medina, Juan. *El martirologio del Japón: 1558–1873*. Rome: Inst. historicum S.I., 1999.

Saleh, Yuri Sócrates. *O cristianismo no Japão: do proselitismo à construção da ideológica da perseguição (1549-1640)*. Pós-graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2014.

Sande, Duarte de, S.J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. Macau: Fundação Oriente. 1997.

Sassetti, Filippo. *Lettere Edite E Inedite: Raccolte E Annotate Da Ettore Marcucci*. Firenze: Accademia della Crusca, 1855.

Schutte, José Franz (ed.). *Monumenta Missionum Societatis IESU – Monumenta Historica Japoniae I – Textus Catalogorum Japoniae 1553-1654*. Rome: Monumenta Histórica Societatis IESU a Patribus Eiusdem Societatis Edita, 1975.

Schütte, Josef Franz (ed.). *Introductio Ad Historiam Societatis Jesu In Japonia (1549-1650)*. Rome: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1967.

Silva Rego, António (ed.). *Documentação Ultramarina Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962.

Sousa, Lúcio de. *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves*. Leiden, Nld.: Brill, 2018.

Subrahmanyam, Sanjay. *The Portuguese Empire in Asia. A Political and Economic History, 1500–1700*. London: Longman, 1993.

Tang, Kaijian. *Setting off from Macau: Essays on Jesuit History During the Ming and Qing Dynasties*. Leiden: Brill, 2015.

Teixeira, Manuel. *Os Japoneses em Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau/Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993.

Thomaz, Luís Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1994.

Trigault, François. *Histoire des martyrs du Japon depuis 1612 jusqu'en 1620*. Paris: Sebastian Cramoily, 1624.

Valignano, Alessandro. *Apologia de la Compañia de Jesus de Japon y China (1598)*, ed. José Alvarez-Taladriz. Osaka: Eikodo, 1998.

Valignano, Alessandro. *Historia del principio y progreso de la Compañia de Jesus en las Indias Orientales*. Ed. Josef Wicki, Roma: Institutum historicum S.I., 1944.

Valignano, Alessandro. *Il Cerimoniale per i Missionari del Giappone*, ed. G. Shütte. Roma, Edizione di Storia e Letteratura: 1946.

Yuuki, Diego. *Bento Fernandes, Japão, 1579–1633*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.